



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
JORNALISMO

PRIMAVERA ÁRABE - O INÍCIO DA REVOLUÇÃO NA TUNÍSIA E EGITO:
Uma Análise do Caminho das Ruas de Sidi Bouzid aos Principais Jornais do Mundo

JULIANA PAZOS PIXININE

RIO DE JANEIRO

2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
JORNALISMO

PRIMAVERA ÁRABE - O INÍCIO DA REVOLUÇÃO NA TUNÍSIA E EGITO:

Uma análise do caminho das ruas de Sidi Bouzid aos principais jornais do mundo

Monografia submetida à Banca de Graduação
como requisito para obtenção do diploma de
Comunicação Social/ Jornalismo.

JULIANA PAZOS PIXININE

Orientadora: Prof. Dra. Maria Helena Rêgo Junqueira

RIO DE JANEIRO

2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia **Primavera Árabe - O Início da Revolução na Tunísia e Egito: Uma análise do caminho das ruas de Sidi Bouzid aos principais jornais do mundo**, elaborada por Juliana Pazos Pixinine.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia/...../.....

Comissão Examinadora:

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Helena Rêgo Junqueira
Doutora em Comunicação e Cultura pela UFRJ
Departamento de Fundamentos da Comunicação - UFRJ

Prof^a. Pós-Dr^a. Ilana Strozenberg
Pós-Doutora em História pela PUC-Rio
Departamento de Fundamentos da Comunicação - UFRJ

Prof. Pós-Dr. Márcio Tavares D'Amaral
Pós-Doutor em Filosofia pela Sorbonne (Paris V)
Departamento de Teorias da Comunicação - UFRJ

RIO DE JANEIRO

2014

FICHA CATALOGRÁFICA

PIXININE, Juliana Pazos.

Primavera Árabe - O Início da Revolução na Tunísia e Egito: Uma análise do caminho das ruas de Sidi Bouzid aos principais jornais do mundo. Rio de Janeiro, 2014.

Monografia (Graduação em Comunicação Social/ Jornalismo) - Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, Escola de Comunicação - ECO.

Orientadora: Maria Helena Rêgo Junqueira

PIXININE, Juliana Pazos. **Primavera Árabe - O Início da Revolução na Tunísia e Egito: Uma análise do caminho das ruas de Sidi Bouzid aos principais jornais do mundo.** Orientadora: Maria Helena Rêgo Junqueira. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO. Monografia em Jornalismo.

RESUMO

O trabalho tem como objetivo analisar a situação política, social e econômica na qual se encontravam a Tunísia e o Egito, para entender como surgiu a insatisfação da população que levou às revoluções iniciadas em dezembro de 2010 e janeiro de 2011, respectivamente. Depois de feito um histórico da região para que seja possível compreender as causas do início das ações revolucionárias, foi feita uma análise da importância das redes sociais e como as mesmas ajudaram no sucesso destes conflitos para, então, podermos perceber como eles passaram a ganhar espaço nos jornais dos maiores meios de comunicação em massa do mundo, e o foco do trabalho se dá principalmente na cobertura feita pela *Al Jazeera* e por jornais brasileiros. As pesquisas foram feitas com base em dados de relatórios internacionais da Anistia, Banco Mundial, Organizações das Nações Unidas e demais meios que pudessem propiciar informações claras e objetivas sobre a situação existente nos países estudados. Com este trabalho, pretende-se compreender de que maneira as revoluções tornaram-se possíveis e de grande proporção e como se tornaram assunto de relevância no cenário mundial.

Palavras-chave: Tunísia, Egito, Manifestações, Primavera Árabe, Revolução, Democracia

ABSTRACT

The paper aims to analyze the political , social and economic situation in which Tunisia and Egypt found themselves, in order to understand how the dissatisfaction of the population that led to the revolutions, which started in December 2010 and January 2011, respectively, arose . After doing a historic of the region to be able to understand the causes of the beginning of the revolutionary actions , an analysis was made of the importance of social networks and how they helped in the success of these conflicts in order to then be able to notice how they started to gain space in the newspapers of the greatest means of mass communication in the world , and the focus of the work is mainly done in coverage by Al Jazeera and Brazilian newspapers . The surveys were based on data from reports of Amnesty International , World Bank , UN organizations and other means that could provide clear and objective information on the situation in the countries studied . This work aims to understand how revolutions became possible and of great proportion and how they became a matter of relevance on the world stage .

Dedico ao meu avô, Basílio Pazos Solla que, apesar do pouquíssimo tempo que estive fisicamente ao meu lado, sempre se fez presente em todos os momentos cruciais da minha vida. Tenho certeza que, de onde quer que você esteja, está orgulhoso da filha que sua adorada filha criou. Obrigada, abuelo.

Dedico também à minha avó Carminda, que por pouco não pode acompanhar de perto mais essa conquista, mas que eu tenho que certeza que está feliz e orgulhosa de onde quer que esteja.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, à minha mãe, Maria Elisa, fonte inesgotável de amor, suporte e inspiração. Razão e começo, meio e fim de tudo na minha vida.

À Deus, por me dar fé e força, mesmo quando os caminhos se tornaram mais difíceis.

Ao meu pai, Francesco Palombo. Por ser Pai. Simplesmente por isso. Muito, muito obrigada.

Ao meu irmão, Felipe, e à minha prima-irmã Carolina, por compartilharem o melhor de mim. Vocês são tudo. E também aos irmãos que a vida me deu, Renata e Bruno, por serem os melhores irmãos mais velhos que eu poderia ter encontrado. Aproveito para agradecer à minha sobrinha Anna, por ter arrancado os meus mais sinceros sorrisos dos últimos meses.

À minha madrinha Carmen e ao meu padrinho Egberto, por todo o conhecimento compartilhado ao longo da vida. É uma honra ser família das duas pessoas mais inteligentes que eu já conheci. E também às minhas avós, Carmen e Dulcy, base de tudo o que sou. Estendo aqui os agradecimentos à família, minhas tias Dulce e Salhua, meu tio Luís, meus primos e os demais que sempre me apoiaram, dando força a cada nova etapa ou desafio.

Às irmãs que eu escolhi, Taíssa Neves, amiga de passado, presente e futuro, por me fazer continuar acreditando na amizade verdadeira e pela torcida de sempre e Sarah Galhardo, siamesa sem a qual eu nem lembro mais como era a vida, por todo o companheirismo ao longo de mais essa jornada. Vocês foram essenciais.

Às amigas que se fazem presente a qualquer distância, Letícia Martini, braço direito, fiel escudeira, amiga e irmã de alma e coração, por sempre acreditar em mim, muitas vezes mais do que eu mesma, e Camila Marinho, cúmplice, companheira de aventuras e da vida, pelo apoio e suporte incondicional. Não seria nada sem vocês.

À querida Cinthia Struchiner, por me ajudar a encontrar o equilíbrio necessário para conseguir dar mais esse passo e concluir essa etapa. E também, pela torcida sempre fiel e sincera.

Aos presentes que a Escola de Comunicação me deu, Bruna Lordello, André Mariz e Paula Ferreira, sem os quais os últimos cinco anos não teriam tido a mesma graça. Aos demais amigos, pelo suporte, torcida e incentivo, mesmo nos momentos em que tudo parecia dar errado e não vinha à cabeça nem uma linha para ser escrita, Carolline Vieira, Rory Ribeiro, Carolina Villela, Paula Gombar, Larissa Rodrigues, Paula Jacques, Taissa Almeida, Thuanny Diniz, Caroline Souto, Juliana Paiva, Karla Freire, Carolinny Guttemberg, Tiago Biancardi e João Manoel Ascoli.

À Paloma Cupello, outra parte envolvida na conversa que originou este tema de monografia.

Ao meu chefe e entusiasta do assunto sobre o qual se trata este trabalho, Fabrício Vitorino, por todo o conhecimento compartilhado e pelas conversas que me deram tantas ideias.

Agradeço, em especial, à minha querida orientadora Maria Helena Junqueira, por ter aceitado entrar neste mundo árabe junto comigo e por ter acreditado e confiado nas minhas ideias. Aos professores Márcio Tavares D’Amaral e Ilana Strozenberg, membros da banca, por abraçarem a ideia e terem aceitado fazer parte deste trabalho tão especial para mim.

Por último, mas não menos importante, à Universidade Federal do Rio de Janeiro e à Escola de Comunicação, pelo papel na minha formação profissional e também pessoal. O que antes era sonho, agora está escrito para sempre na minha história.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
2. O DESPERTAR DA PRIMAVERA	5
2.1 O caso Tunisiano	5
2.1.1 Breve histórico da Tunísia	6
2.1.2 A Revolução de Jasmin	8
2.2 O caso Egípcio	11
2.2.1 Breve histórico do Egito	12
2.2.2 A Revolução de Lótus	14
2.3 O Efeito Dominó	17
3. A REVOLUÇÃO EM UM CLIQUE	19
3.1 As redes sociais e o mundo moderno	20
3.2 Revolução 2.0: O papel das redes sociais na Revolução de Jasmin	22
3.2.1 A censura	24
3.2.2 A onda de vídeos no <i>YouTube</i> e <i>Dailymotion</i>	27
3.2.3 Compartilhamentos no <i>Facebook</i> e <i>Trending Topics</i> do <i>Twitter</i>	28
3.3 Redes sociais e a Revolução de Lótus	30
4. A REVOLTA COMO NOTÍCIA	34
4.1 A relação dos tunisianos e egípcios com a imprensa	36
4.2 A importância da mídia nos campos de conflito	39
4.2.1 A Al Jazeera e o jornalismo cidadão	41
4.2.2 Para além do mundo árabe	43
4.2.3 O surgimento da “Primavera Árabe”	45
4.3 Primavera Árabe sob o olhar da mídia brasileira	47
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	54

1. INTRODUÇÃO

Em uma sexta-feira de dezembro, em 2010, um jovem comerciante de uma pequena cidade localizada a 265 km ao sul da capital da Tunísia, insatisfeito com as condições de vida e com as elevadas taxas de desemprego no país, ateou fogo ao próprio corpo após ser proibido pela polícia de vender suas mercadorias. A atitude desesperada levou o jovem à morte pouco mais de duas semanas após o ocorrido. O que ele, Mohamed Bouazizi, e os demais moradores de Sidi Bouzid que foram protestar em frente à Prefeitura cobrando explicações sobre o ocorrido com o jovem na tarde de sua autoimolação, não poderiam imaginar é que aquele ato precipitado seria o início de um capítulo que mudaria para sempre a história do mundo árabe, e que teria consequências e repercussão em todo o mundo. A queda do ditador tunisiano Zinedine el-Abidine Ben Ali, que já estava há 23 anos no poder, foi, provavelmente, o acontecimento político mais marcante das últimas décadas em todo o Norte da África e Oriente Médio. Além da relevância pela derrubada do governo em si, marcou ainda mais porque deflagrou uma enorme onda de ações revolucionárias nos países vizinhos, derrubando mais três governos até o momento, Egito, Líbia e Iêmen, e provocando uma guerra civil na Síria, além de diversos outros países como Argélia, Sudão, Jordânia, Bahrein e Marrocos, com protestos de maiores ou menores proporções, tendo, no último, ainda provocado mudanças governamentais.

Esta monografia tem como objetivo entender e mostrar os motivos da crise que culminou com revoluções em diversos países árabes, iniciadas na Tunísia e sequenciadas pelo Egito. Além disso, pretendemos acompanhar o caminho percorrido desde a proibição que policiais impuseram às vendas de Bouazizi até o considerável espaço conquistado nos principais meios de comunicação em massa ao redor do mundo, passando pelo relevante papel das mídias sociais e da Internet como um todo nas manifestações e terminando com uma breve análise da cobertura feita pela mídia brasileira. O foco são a Tunísia, país que abriu caminho para o nascimento de um sentimento revolucionário nos vizinhos, e o Egito, segundo país a ter manifestações de tamanha proporção que culminaram na queda do governo e na saída do Presidente do poder.

Além da clara distância geográfica, o modo de vida, o fanatismo religioso e os governos autoritários existentes nos países árabes são tão diferentes do modo de vida ocidental que, de forma geral, são sociedades que não têm muita troca ou interesse mútuo. Salvo grandes guerras, terrorismos e toda a questão em torno do petróleo, pouco sabemos ou ouvimos falar sobre os

países do Oriente Médio e norte da África, sendo preciso algo marcante acontecer por lá para ganhar espaço e importância nos noticiários deste lado do mundo. Dessa forma, quando governos começaram a ser derrubados em consequência de manifestações populares, foi preciso questionar quais as condições sob as quais os países se encontravam e o que teria acontecido para levá-los àquela situação. Para compreender os motivos que levaram o jovem tunisiano a cometer o suicídio, é necessário voltar no tempo e conhecer melhor a história da Tunísia. Com este objetivo, o primeiro capítulo desta monografia trata sobre questões históricas políticas, sociais e econômicas da Tunísia, onde explodiu primeiro a revolução, e do Egito, segundo país a ter manifestações de maiores proporções em 2011, ano que revolucionou a história árabe.

A história da Tunísia é marcada por constante instabilidade política, desde os primórdios marcada por constantes conflitos e derrubadas de governos com golpes e tomadas de poder, desde a época em que era parte do Império Romano e foi tomada pelos árabes. Foi o primeiro país árabe a ter uma Constituição, feita no ano de 1861 e conquistou sua independência de 1956, mesmo ano em que o primeiro presidente assumiu o poder, Habib Bourguiba. Desde então, e até a Revolução de Jasmin, apenas dois presidentes passaram pelo governo tunisiano, Bourguiba e Zinedine el-Abidine Ben Ali, que assumiu o poder em um cenário de profunda crise política, econômica e social, que em muito lembra o contexto no qual saiu, após 23 anos no poder. Em mais de meio século, apenas dois governantes exerceram o poder no país, o que, por si só, já sugere regimes autoritários. Neste capítulo, iremos mostrar os índices econômicos durante os governos, bem como as denúncias de fraudes eleitorais e analisar as causas da insatisfação popular, que acusava o ditador de ter atitudes opostas às ideias que pregava. Após feito a análise histórica da Tunísia e mostrado o cenário na qual a região se encontrava no momento, analisaremos a Revolução de Jasmin desde seu primeiro passo, quando os policiais confiscaram as mercadorias de Mohamed Bouazizi, sem saber que, de forma geral, acabariam provocando a maior revolução na história recente do mundo árabe. Terminaremos esta parte do capítulo com a queda do governo de Ben Ali e início da nova era tunisiana.

Em seguida, também será feito um histórico do Egito, com os mesmos objetivos de analisar a situação na qual se encontrava e perceber o que foi capaz de provocar a revolução no país que, assim como seu vizinho, passava por um período de crise econômica, social e política. Da mesma forma que acontecia na Tunísia, o Egito também tinha um presidente há décadas no poder, acusado de manipulação e fraudes eleitorais. Sendo assim, a revolução iniciada em seu

vizinho não demorou para chegar até lá, e explodiu em 25 de janeiro de 2011, demorando apenas 18 dias entre o início e a queda do governo autoritário e seu líder, Hosni Mubarak. Tal fato marca o sucesso da Revolução de Lótus, como ficou conhecida. Depois, faremos uma conexão entre as duas revoluções, analisando o “efeito dominó” que se espalhou por diversos países árabes. Percebemos que a situação crítica dos países não é algo recente e, sendo assim, por que a revolução não aconteceu antes? As mesmas insatisfações da população para com o governo já existiam há décadas, mas nenhuma manifestação, protesto ou tentativa de mudança teve a mesma proporção e sucesso do que as iniciadas em dezembro de 2010.

No segundo capítulo pretendemos responder a essa pergunta. Analisando os números de penetração da Internet e das redes sociais, como *Facebook*, *Twitter* e *YouTube*, tanto na Tunísia como no Egito, podemos perceber que elas tinham capacidade para desempenhar um importante papel na difusão de informações e convocação de mais pessoas para as manifestações. E o fizeram. Principalmente no início, quando foram usadas como espaço para discussão de ideias, debates e marcação de pontos de encontro de manifestantes. O papel dos meios de comunicação *online* foi de tamanha importância que os governos tunisiano e egípcio passaram a censurá-la, na tentativa de conter a onda revolucionária e impedir que mais pessoas ficassem sabendo sobre o que estava acontecendo. Porém, ambos não obtiveram sucesso.

O imediatismo da disseminação de informações via *web* também foi parte relevante para o sucesso dos movimentos. Dizem que a revolução era feita com uma pedra em uma mão e um celular na outra, como uma espécie de olhos sempre atentos para mostrar ao mundo o que acontecia na região. Sendo assim, podemos começar a entender o motivo da Primavera Árabe não ter acontecido nos anos 1990 ou 2000. Nas décadas anteriores, tentativas de maiores manifestações foram suprimidas e censuradas pelos governos e a população se viu sem voz e de mãos atadas. Naturalmente, há quem questione o real papel das redes sociais nos conflitos no Norte da África e Oriente Médio, porém, apesar de não podermos caracterizá-las como responsáveis pelo sucesso, não há como negar o papel que desempenharam, e no capítulo forneceremos dados para comprovar a importância que a Internet teve, principalmente no início da Primavera Árabe. Apesar de o acesso à *web* ser cada vez maior, o maior meio de comunicação ainda é a televisão e, nos países estudados, ela está presente em uma enorme maioria das casas. Dessa forma, poderemos notar que o papel desempenhado por ela atinge uma porcentagem ainda maior da população, podendo surtir em maiores resultados.

O terceiro e último capítulo desta monografia trata da relação da mídia com os conflitos. Primeiro, falando sobre a conturbada relação das mídias tunisiana e egípcia com os governos, especialmente na Tunísia, onde a censura é rígida e todos os meios de comunicação em massa pertencem ao governo. Para dificultar ainda mais o acesso da imprensa, as autoridades tunisianas só permitiam a entrada de jornalistas estrangeiros mediante autorização prévia. Com tantas barreiras impostas, foi necessário arrumar soluções alternativas para driblar o bloqueio do governo e transmitir notícias sobre os acontecimentos para o grande público. A emissora responsável por tal função foi a rede *Al Jazeera* que fez uso do jornalismo cidadão através das redes sociais estudadas no capítulo anterior. Explicaremos de que forma isso pode ser feito, bem como a repercussão dos noticiários da emissora em diversos países, mesmo fora do mundo árabe. Entrevistamos Fernando Brancoli, membro do Comitê Internacional da Cruz Vermelha e autor do livro “*Primavera Árabe - praças, ruas e revoltas*”, que irá acrescentar sua visão sobre a participação da mídia no conflito.

Em seguida, pesquisaremos o surgimento da expressão “Primavera Árabe” e analisaremos de que forma um termo que comprima muitas revoluções é importante na disseminação da mesma, bem como de que forma isso pode provocar maior interesse por parte do público e da mídia para o que está acontecendo. O que antes eram apenas as Revoluções de Jasmin e de Lótus, passaram a ser a Primavera Árabe da Tunísia e do Egito, respectivamente. O mesmo aconteceu com os países que tiveram suas revoluções depois, todas englobadas em um mesmo contexto de Primavera Árabe, deixando nítida a conexão e relação entre elas e fazendo também com que o público se conectasse de maneira mais imediata ao assunto.

Para encerrar o capítulo e concluir a monografia, faremos uma breve análise da cobertura de dois dos mais importantes jornais brasileiros, e de maior circulação, *Folha de São Paulo* e *O Estado de São Paulo*, caracterizando a cobertura feita pela imprensa brasileira de forma geral, que foi muito similar nos diversos meios e canais de comunicação. Para terminar, discutiremos a possível relação entre os protestos no mundo árabe e as manifestações populares que começaram no Brasil em junho de 2013, que, apesar das diferenças que serão apontadas, foi, assim como no Norte da África e no Oriente Médio, liderada por jovens em busca de melhores condições de vida e trabalho.

2. O DESPERTAR DA PRIMAVERA

Foi no dia 17 de dezembro de 2010, em uma pequena vila tunisiana de Sidi Bouzid, situada a 265 km ao sul da capital Tunis, que tudo começou. Mohamed Bouazizi, um jovem graduado, que devido ao desemprego, vendia legumes em uma barraca na rua para poder sustentar a família, tomou uma atitude drástica após a polícia proibi-lo de vender e humilhá-lo: Ateou fogo ao próprio corpo, vindo a falecer pouco tempo depois, em 4 de janeiro de 2011. A situação de Mohamed era a mesma vivenciada por milhões naquela região. A reação desesperada do jovem de 26 anos acabou sendo o estopim para o início de uma onda de transformações em todo o mundo muçulmano. Foi ali que começou o que depois veio a ser conhecido como “Primavera Árabe”, que ganhou esse nome por uma alusão à Primavera de Praga, de 1968, e à Primavera dos Povos, série de revoluções na Europa central e oriental ocorrida em 1848. (VISENTINI, 2012).

2.1 O caso Tunisiano

*“Ó defensores da Pátria!
Reunam-se para a glória de nosso tempo!
O sangue surge em nossas veias,
Morremos para o bem da nossa terra.
Que os céus rujam com um trovão.
Que os raios chovam com o fogo.
Homens e jovens da Tunísia,
Levantem-se para o seu poder e glória.
Não há lugar para traidores na Tunísia,
Apenas para aqueles que defendem-na!
Nós vivemos e morremos leais à Tunísia,
Uma vida digna e uma morte de glória.”¹*

¹ Hino Nacional da Tunísia. Tradução livre feita pela autora desta monografia. Disponível em: <http://www.kbears.com/tunisia/anthemtext.html>. Acesso em: 14 de março de 2014.

2.1.1 Um breve histórico da Tunísia

Para entender a situação vivida na Tunísia que provocou a onda de protestos, é preciso voltar no tempo e na história desse país marcado por revoluções e tomadas de poder. A Tunísia foi fundada no século VIII a.C por povos fenícios que dominavam as técnicas de navegação, o mesmo povo que fundaria Cartago, conhecida por abrigar os arquitetos, médicos e historiadores mais brilhantes da época. Porém, batalhas com o Império Romano levaram a cidade à destruição, e o imperador César Augusto à ascensão no norte da África. Dessa forma, a Tunísia passou a ser parte do Império Romano, até a região ser conquistada pelos árabes.

Após os árabes conquistarem a região, a Tunísia passou a ser domínio do Império Bizantino e, em seguida, em 1546, Turco-Otomano, e, após uma modernização sem precedentes, tornou-se o primeiro país árabe a ter uma Constituição, em 1861. Depois de ser alvo de invasões espanholas e alemãs, a Tunísia se tornou, em 1881, colônia francesa. A economia do país sempre teve como base o comércio e a agricultura, bem como a religião sempre exerceu forte influência nas decisões do Estado. Desde o século VII d.C, quando uma grande massa se converteu ao islamismo, o país possui maioria muçulmana. Atualmente, a Tunísia possui cerca de 10.735 milhões de habitantes, com 99% da população muçulmana sunita, seguida de minorias muçulmanas xiitas, cristãs, judaicas e bahais². Depois de décadas como colônia francesa, o país passou novamente por momentos de revolução. Durante a Segunda Guerra Mundial tropas nazistas ocuparam o país, deixando milhares de mortos e, com o seu término, foi criado o Movimento Nacionalista Tunisiano (MNT), que passou a lutar pelo fim do protetorado francês. Novamente, o país passou por uma série de conflitos até conquistar a independência em 20 de março de 1956. As primeiras eleições presidenciais turcas ocorreram em abril do mesmo ano, elegendo Habib Bourguiba com mais de 90% dos votos. Nos meses seguintes ocorreu a queda da monarquia e proclamação da república, em 25 de julho de 1957.

Aproveitando a forte aceitação da população, Bourguiba realizou uma série de mudanças na Constituição nos primeiros anos de seu mandato, criando inclusive uma ementa que o transformaria em Presidente vitalício e banindo todos os partidos de oposição. “A ambição de Bourguiba era recriar a Tunísia à imagem da Revolução Francesa. Esforçando-se em reduzir o

² *International Religious Freedom Report 2012: Tunísia*. United States Department State, 2013. Disponível em: <http://www.state.gov/j/drl/rls/irf/2012/nea/208414.htm>. Acesso em: 08 de março de 2014.

papel do islã na sociedade tunisiana, ele provocou um violento debate filosófico e cultural sobre os respectivos méritos da modernidade e da tradição, da ocidentalização e do islã.” (MAZRUI e AJAYI, 2010, p. 804). Nessa onda, diversas empresas foram privatizadas e o índice de desemprego, que já preocupava o país há mais de 15 anos, aumentou ainda mais. Foi então que começaram os protestos da população para a retirada de Bourguiba do poder, criticando seu regime e em busca de melhores condições de vida, salários mais altos e contra a elevada taxa de desemprego que inundava o país.

A Tunísia passou, então, por uma grande crise econômica que levou a um período de manifestações e repressões no país. No ano de 1978, como forma de protesto, a União Geral dos Trabalhadores Tunisianos (UGTT) convocou uma greve geral. Dali em diante, até 1984, diversos protestos e manifestações foram registrados na região, porém de forma mais contida. Foi em janeiro de 1984, após Bourguiba cortar os subsídios para diversos produtos alimentícios, que a situação piorou de vez, com a população tomando as ruas, provocando centenas de mortes. Foi nesse cenário de profunda crise social, política e econômica que o general Zine el-Abidine Ben Ali foi nomeado Primeiro-Ministro, em outubro de 1987, através de um Golpe de Estado, que derrubou o governo e tirou Bourguiba do poder, em 7 de novembro de 1987, após três décadas de mandato. Neste momento, Ben Ali assume a presidência, tornando-se o segundo presidente da Tunísia desde a sua independência da França.

Como primeira medida, com o intuito de acalmar os ânimos da população, que estava exaltada, Ben Ali coloca em vigor o multipartidarismo, eliminando o caráter de partido único imposto por seu antecessor, libera centenas de presos políticos e faz promessas de modernização, liberdade de expressão e do aguardado crescimento econômico. Por não possuir uma oposição expressiva, Ben Ali foi reeleito cinco vezes, em 1989, 1994, 1999, 2004 e, por fim, em 2009. Se o discurso de Ben Ali agradava e convencia à população, o mesmo não se pode dizer sobre suas atitudes, que se mostraram bastante divergentes das ideias que proclamava, o que acabou por resultar, não muito tempo depois, em mais uma revolução no país, em busca da democracia e de melhores condições de vida. Tal fato pode ser comprovado pelo relatório anual emitido pela Anistia Internacional em 2009, do qual foi retirado o trecho abaixo.

As forças de segurança usaram força excessiva contra manifestantes em Gafsa, causando a morte de dois, além de ter prendido e processado pelo menos 200 manifestantes, incluindo defensores dos direitos humanos e líderes sindicais. Os direitos à liberdade de expressão, associação e reunião foram cortados, e os jornalistas, advogados e ativistas de direitos humanos foram processados e

perseguidos. Houve relatos de tortura e outros maus-tratos de detidos. Pelo menos 450 pessoas foram condenadas à penas de prisão após julgamentos injustos por acusações relacionadas com o terrorismo. A moratória sobre as execuções foi mantida.³ (ANISTIA INTERNACIONAL, 2009)

2.1.2 A Revolução de Jasmin

A Tunísia era conhecida por ser um dos maiores destinos turísticos da região e vista como um dos países árabes mais prósperos, com um alto e crescente Índice de Desenvolvimento Humano (em 1980, o IDH tunisiano era de 0,436 e, em 2010 atingiu 0,683, figurando na lista dos países de alto IDH, na 81ª posição)⁴. Os primeiros anos do governo de Ben Ali foram de aparente calma, mas na década de 1990, leis aprovadas pelo Parlamento reduziam os direitos coletivos. Chegaram a acontecer manifestações de estudantes e greve em algumas partes do país, movimentos que foram violentamente reprimidos pelas forças do Estado. Ainda na tentativa de se alinhar ao Ocidente, o governo entrou em uma onda neoliberal de modernização, na qual mais de 50 empresas foram privatizadas. A Tunísia, enquanto construía uma boa imagem e relação com o mundo ocidental, passou a causar cada vez mais insatisfação. Apesar de possuir surpreendentes 7,5% do PIB voltado para a educação⁵, ou seja, um consequente alto índice de pessoas com formação acadêmica, a taxa de desemprego é muito alta, estimada em 17,4%, aumentando para 30,7% entre jovens de 15 a 24 anos⁶, fato responsável por deixar a população extremamente insatisfeita com as medidas do governo, visto que não se espera taxas tão altas de desemprego entre os jovens em um país com alto investimento em educação.

Com a taxa de desemprego elevada, eleições fraudulentas e acusações comprovadas de tortura, a situação só piorou para o governo. A Tunísia se tornou um barril de pólvora que a qualquer momento poderia explodir. Segundo Juan Cole, historiador, professor e autor de diversos livros sobre o Oriente Médio, em entrevista concedida ao “Demcracy Now” em 18 de

³ *Amnesty International Report 2009: Tunisia*. Tradução feita pela autora desta monografia. Disponível em: <http://report2009.amnesty.org/en/regions/middle-east-north-africa/tunisia>. Acesso em: 08 de março de 2014.

⁴ *United Nations Development Program: Human Development Reports 2010*, p. 149. Disponível em: http://hdr.undp.org/sites/default/files/reports/270/hdr_2010_en_complete_reprint.pdf. Acesso em: 08 de março de 2014.

⁵ *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organizations: Tunisia*: UNESCO. Disponível em: <http://www.unesco.org/eri/cp/cp-nav.asp?country=tn&language=F>. Acesso em: 08 de março de 2014.

⁶ *The World Factbook: Central Intelligence Agency*. Disponível em: <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/fields/2129.html>. Acesso em: 08 de março de 2014.

janeiro de 2011:

Bem, é uma revolução - você sabe, todas as revoluções são várias revoluções acontecendo ao mesmo tempo. Portanto, há um forte elemento de protesto econômico. Há também um elemento de classe. Vinte por cento dos recém-formados estão desempregados, há extrema pobreza nas áreas rurais e o regime estava fazendo coisas que interferem com o desenvolvimento econômico [...] E isso, junto ao extremismo da ditadura e às demandas constantemente para subornos acabou desencorajado o investimento estrangeiro. Assim, o regime era todo sobre si mesmo. Ele estava fazendo coisas que eram contraproducentes. E feriu os interesses dos vários grupos sociais - os com formação superior, os trabalhadores.⁷(COLE, 2011)

O quadro se tornou ainda mais delicado com a crise econômica mundial que assolou as mais diversas economias, refletindo fortemente na Tunísia, que tinha baseado boa parte de suas política econômica com o mundo ocidental. A situação de agravou ainda mais com a divulgação dos documentos vazados no WikiLeaks⁸, no início de dezembro de 2010, que expunham a real condição tunisiana e desmoralizavam o regime de Ben Ali, como pode ser visto no trecho abaixo, retirado do sumário do artigo "*Tunisia: What's Yours is Mine*"⁹, publicado no WikiLeaks:

De acordo com os inquéritos anuais da Transparência Internacional e da observação de contatos da Embaixada, a corrupção na Tunísia está piorando. Quer seja dinheiro, serviço, terreno, propriedade ou até mesmo o seu iate, a família de Ben Ali irá cobiçá-lo e conseguir o que quer. [...] O impacto econômico é claro, com investidores tunisianos - temendo o braço longo da "Primeira Família" - renunciando a novos investimentos, mantendo as taxas de investimentos nacionais baixas e o desemprego elevado. Esses persistentes rumores de corrupção, juntamente ao aumento da inflação e do desemprego, ajudaram a alimentar a frustração e têm contribuído para os protestos recentes no sudoeste da Tunísia. Com aqueles no topo, que acredita-se serem os piores criminosos, e que provavelmente continuarão no poder, não tem como regularizar o sistema.¹⁰ (WIKILEAKS, 2010)

Foi nesse cenário de instabilidade política, econômica e ambiental que começou, então, mais uma revolução na história da Tunísia, sendo essa a pioneira da maior revolução recente no Oriente Médio, tendo como ponto de partida esse gesto desesperado do jovem graduado e desempregado, morador de Sidi Bouzid, Mohamed Bouazizi, como dissemos, que, devido ao

⁷ Entrevista de Juan Cole ao DemocracyNow.org: 2011. Tradução feita pela autora desta monografia. Disponível em: http://www.democracynow.org/2011/1/18/juan_cole_tunisia_uprising_spearheaded_by. Acesso em: 09 de março de 2014.

⁸ Organização sem fins lucrativos que publica postagens de fontes anônimas, como documentos, fotos e informações confidenciais de governos ou empresas.

⁹ *Corruption in Tunisia: What's yours is mine*. WikiLeaks. Tradução feita pela autora desta monografia. Disponível em: <http://wikileaks.ch/cable/2008/06/08TUNIS679.html>. Acesso em: 11 de março de 2014.

¹⁰ Tradução do inglês feita pela autora desta monografia.

desemprego, passou a vender legumes na rua como forma de conseguir algum dinheiro. Porém, em 17 de dezembro de 2010 a polícia avisou que seu carrinho e suas mercadorias seriam confiscados, alegando que ele deveria ter uma licença do governo para trabalhar. Foi então que, desesperado, o jovem ateou fogo ao próprio corpo em frente à Prefeitura da cidade, aonde havia ido na tentativa de recuperar sua mercadoria que tinha sido confiscada. Ele não morreu imediatamente, e foi levado para o hospital com o corpo coberto de queimaduras de 3º grau. A situação vivida por ele era exatamente a mesma de outros milhões de jovens da região, motivo pelo qual foi deflagrada uma nova onda de protestos no país, que, na última semana de dezembro já havia se espalhado em um raio de 100 km, para cidades como Kasserine e Regueb, até chegar à capital, Tunis.

Em 4 de janeiro de 2011, às 17:30 do horário local, Mouhamed Bouazizi foi declarado como morto em decorrência das queimaduras. Cerca de cinco mil pessoas compareceram ao funeral do jovem e os protestos e confrontos na capital se intensificaram. Preocupado com a situação alarmante, Ben Ali foi à televisão no dia 10 de janeiro para pedir calma à população. Na tentativa de esvaziar os protestos, todas as escolas e Universidades foram gradualmente fechadas, para que os jovens permanecessem em casa. Em 12 de janeiro, o então presidente demitiu seu ministro do Interior, criou um comitê especial para investigar a corrupção e ordenou que todos os presos durante os protestos fossem liberados. Ben Ali, visivelmente preocupado com a situação, prometeu diversas coisas ao povo tunisiano, como a criação de 300 mil empregos, acatando uma das principais reivindicações da população. Porém a situação já tinha chegado a tal ponto que promessas não bastavam, o povo lutava pela “cabeça” de Ben Ali. Enquanto o presidente não deixasse o poder, o povo não deixaria as ruas. Em 13 de janeiro, os protestos invadiram o centro da capital, apesar do toque de recolher declarado por Ben Ali que, como tentativa de controlar o quadro, prometeu combater a alta nos preços dos alimentos e permitir liberdade de imprensa e internet.

Sem sucesso, as manifestações não cessaram e, no dia 14 de janeiro de 2011, o presidente Ben Ali anunciou a dissolução do governo e convocou novas eleições nos próximos seis meses, declarando, em seguida estado de emergência. O toque de recolher entre 18h e 6h, instaurado por Ben Ali, estendeu-se para todo o país, ficando terminantemente proibido aglomerações de mais de três pessoas, contra as quais a Força de Segurança teria permissão para atirar. O presidente não recebeu o retorno esperado às suas propostas, promessas e reivindicações e o povo continuou

forte em seu objetivo, que era a queda do presidente, para que a situação do país pudesse, então, começar a seguir um rumo próspero. Finalmente, no mesmo 14 de janeiro, Zine el-Abidine Ben Ali anunciou sua saída temporária do governo da Tunísia e deixou o país, fugindo para a Arábia Saudita.

2.2 O caso Egípcio

*“Minha terra natal, Minha terra natal, Minha terra natal
Meu amor e meu coração são vossos
Egito! Ó mãe de todas as terras,
Tu és minha esperança e minha ambição,
Quem pode avaliar
as bênçãos do Nilo para a humanidade?
Egito! A jóia mais preciosa,
Brilhando pela eternidade!
Ó minha terra natal, sejas para sempre livre,
Livre de todos os inimigos!
Egito! Nobres são tuas crianças,
Fiéis, e guardiãs de teu solo.
Na guerra e na paz
Nós te damos nossas vidas.”¹¹*

A onda de protestos na Tunísia acabou por influenciar e deflagrar protestos em diversos países do Oriente Médio e do norte da África que se encontravam na mesma situação de falta de democracia e qualidade de vida, corrupção e desemprego. Um dos primeiros países a seguir a linha de sua vizinha tunisiana foi o Egito, que também passava por um momento delicado em sua situação política e social. Bem como no caso da Tunísia, para entender a onda de protestos no Egito também é necessário que se entenda um pouco da história do país, para saber o que o levou ao quadro atual.

¹¹ Hino do Egito. Tradução retirada da internet. Disponível em: <http://letras.mus.br/hinos-de-paises/1185701/traducao.html#>. Acesso em: 17 de março de 2014.

2.2.1 Um breve histórico do Egito

O Egito possui uma das histórias mais antigas do mundo moderno, tendo sido habitado continuamente desde o século X a.C, passando por diversas fases, com a Pré-História, de quando são datados os mais antigos vestígios de ocupação humana na região do vale do Nilo, mas é o Egito Antigo um dos períodos mais emblemáticos, quando foram construídas, por exemplo, as pirâmides de Gizé, que até hoje são alvo de interesse e curiosidade de turistas, historiadores e pesquisadores. Depois, passou pelo Egito Ptolomaico, Romano, Árabe e Otomano. Em 1798 o país sofreu uma invasão francesa, comandada por Napoleão Bonaparte, que foi breve, porém intensa, gerando forte impacto no país, bem como em sua cultura. Após a retirada das tropas francesas, o Egito passou por uma série de guerras civis até que, em 1805, Mehmed Ali foi nomeado vice-Rei e começou a trazer uma série de benefícios ao país, cujo progresso seu neto e sucessor deu continuidade, fazendo o país passar por reformas agrícolas, além de uma maior industrialização. Apesar da modernização, a má administração levou o país à beira da falência, momento em que o Reino Unido aproveitou para se inserir no Egito recebendo inclusive um pedido de ajuda por parte dos egípcios para conter uma revolta interna, em 1882. Dali por diante, os britânicos permaneceram 72 anos no país, mesmo prometendo que sua retirada da região seria rápida. Em 1936 foi assinado um tratado anglo-egípcio, no qual os britânicos garantiam o direito de permanecer com suas tropas no canal de Suez, contanto que protegessem os egípcios de possíveis ameaças, que ficou em vigor até a proclamação da República do Egito, feita pós-Revolução de 1952, em 18 de junho de 1953, com o general Muhammad Nagib tornando-se o primeiro presidente do Egito moderno.

Nagib assumiu o poder após um Golpe Militar que derrubou o Rei Fuad do trono egípcio e foi liderado pelo general Gamal Abdel Nasser, que viria a ser seu sucessor, também por meio de golpes. Pode-se perceber que, assim como no caso da Tunísia relatado anteriormente neste capítulo, o Egito também é um país marcado por golpes de Estado e revoluções. Em 1956, já sob a governo de Nasser, Inglaterra e França invadem novamente o Egito, juntamente com Israel, em resposta à nacionalização do canal de Suez, porém o confronto durou apenas um mês, quando foi declarado o cessar-fogo. Ainda no governo de Nasser, Egito e Síria formaram um único país, a República Árabe Unida, que existiu somente até o ano de 1961. Em 1967, outra guerra entrou para a história do Egito e do mundo árabe: a Guerra dos Seis Dias, na qual Israel combatia Egito,

Síria, Jordânia e Iraque, com o apoio de outros países árabes, como Líbia e Arábia Saudita. O conflito teve início em razão de suspeitas, surgidas no fim da década de 1960, de que Israel planejava uma nova série de invasões com objetivos expansionistas, motivo pelo qual Síria e Egito começaram a apoiar grupos guerrilheiros, como forma de prevenção e/ou preparação para uma possível guerra contra os israelenses. A situação se agravou quando, em maio de 1967, Síria e Egito assinaram um acordo de defesa militar com a Jordânia, deixando Israel em alerta. Foi sob essa tensão que os israelenses fizeram o primeiro ataque, preventivo, e, devido à superioridade bélica do país, venceram a guerra, conquistando territórios importantes, como a Faixa de Gaza e a Península do Sinai, além da zona oriental de Jerusalém, além de ter provocado o fechamento do Canal de Suez, que foi reaberto anos depois, em 1975. A guerra, como o próprio nome sugere, durou apenas seis dias, mas marcou a história do mundo árabe e trouxe a questão palestina para o mundo. Nasser governou o país até sua morte, em 1970, quando Anwar el Sadat assumiu a presidência.

Foi durante o governo de Sadat que o Egito se distanciou da então União Soviética, aproximando-se dos Estados Unidos, promovendo uma reforma econômica e atacando violentamente oposições políticas e religiosas. É importante destacar que o Egito possui uma localização estratégica de extrema importância no mundo árabe, pois é uma espécie de corredor entre grandes potências petrolíferas mundiais, como Kuwait e Arábia Saudita. Justamente por esta razão e diante da grande importância geopolítica e financeira, o país sempre despertou interesse externo, especialmente dos Estados Unidos. Em 1973, Egito e Síria entraram novamente em conflito com Israel, na tentativa de recuperar os territórios perdidos em 1967, mas não obtiveram sucesso. Em 1978 e 1979 foram assinados dois acordos entre Israel e Egito, mediados pelo então presidente americano Jimmy Carter, e um desses acordos resultou na saída de Israel da Península do Sinai, em troca de os egípcios reconhecerem o Estado de Israel. Tal acordo provocou um certo alvoroço no mundo árabe, terminando com o Egito expulso da Liga Árabe, a qual foi reintegrado em 1989. Sadat foi assassinado em 1981, por integrantes do Jihad, grupo extremista islâmico, e, o então vice-presidente, Hosni Mubarak, assumiu a presidência de 14 de novembro de 1981. Durante 24 anos, Mubarak permaneceu na presidência sendo eleito por meio de referendo popular como candidato único, até o ano de 2005, quando, pela primeira vez, eleições com mais candidatos ocorreram em seu governo. Mesmo concorrendo com outros candidatos, o ditador saiu vitorioso e, sendo assim, continuou no governo. Porém, a situação do país, há décadas com

problemas de desemprego, más condições de vida e governo ditatorial, só se agravava.

2.2.2 A Revolução de Lótus

Apesar de não ser uma ditadura clássica, o Egito é caracterizado por um regime totalitário na qual um mesmo presidente está há décadas no poder em virtude de eleições totalmente manipuladas. Da mesma forma que a Tunísia, o Egito também agravou seus problemas em decorrência da crise mundial iniciada em 2007. Especialmente por possuir forte apoio americano, o Egito foi fortemente afetado e, por não possuir um sistema político e econômico capaz de sustentar o país em meio à crise, o quadro de insatisfação da população se agravou juntamente com os problemas no país. A situação na qual o Egito se encontrava em muito se assemelhava ao que acontecia na Tunísia, e mesmo revoltas sindicais e greves vinhas sendo feitas desde 2008, porém em menor escala, mas pelos mesmos e persistentes motivos: abuso de violência e tortura por parte da polícia, governo corrupto, desemprego, falta de liberdade de expressão, más condições de vida, etc. Portanto, assim como seu vizinho, o Egito também poderia explodir a qualquer momento, e o que deu início à onda de protestos no país, que ficou conhecida como Revolução de Lótus, Revolução Branca ou Revolução do Nilo, foi a motivação encontrada em virtude dos protestos bem sucedidos na Revolução de Jasmin tunisiana. Exatos 11 dias após a renúncia de Ben Ali na Tunísia, os protestos no Egito tiveram início, em 25 de janeiro de 2011. Um dos principais problemas evidenciados no Egito envolvem a violência e a tortura utilizada pela polícia, como pode ser percebido no trecho abaixo, retirado do relatório sobre o Egito no WikiLeaks, “*GOE Struggling to Address Police Brutality*”, que vazou no final de 2010, pouco antes do início das manifestações no país, certamente sendo um incentivador delas, expondo para o mundo algo que, até então, apenas sabia-se na região.

Tortura e brutalidade policial no Egito são endêmicas e generalizadas . A polícia usa métodos brutais principalmente contra criminosos comuns para extrair confissões , mas também contra manifestantes, alguns presos políticos e infelizes transeuntes. Um advogado de direitos humanos nos disse que há provas de tortura no Egito remonta aos tempos dos Faraós . Contatos de ONGs estimam que há centenas de incidentes de tortura todos os dias nas delegacias de polícia do Cairo. Egípcios são bombardeados com notícias consistentes de brutalidade policial , desde incidentes de alto perfil, até tiroteios policiais acidentais, mas letais em Salamut e Aswan no outono passado, que provocou motins, e há

relatos de policiais atirando em civis por disputas sobre multas de trânsito.¹² (WIKILEAKS, 2010).

Outro fator alarmante no Egito é o desemprego, especialmente entre os jovens. Assim como no Tunísia, a revolução egípcia é marcada por uma forte e massiva presença de jovens, motivados pela insatisfação com a falta de educação, emprego e má condição de vida. O Egito possui 90% da população muçulmana sunita, e tem mais de 86 milhões de habitantes (em 1950, a população era de 20 milhões, número quadruplicado em pouco mais de 50 anos), cujos expressivos 49,9% são de jovens até 24 anos. Apesar da altíssima taxa de jovens entre a população egípcia, o Egito é o 117º país na lista por ordem de investimento em educação, com apenas 3,8% do PIB voltado para tal. Sendo assim, torna-se natural o fato de o desemprego entre os jovens ser alarmante e tal situação causa imensa insatisfação na população. Entre os jovens de 15 a 24 anos, 24,8% estão desempregados, número que aumenta entre as mulheres nessa faixa etária, na qual 54,1% estão sem emprego¹³.

Após décadas de insatisfação e anos de greves e revoltas sindicais esporádicas, finalmente uma revolução no Egito ganhou mais voz para lutar pelos direitos da população. Como uma espécie de vento de esperança soprado da Tunísia, a revolução egípcia teve início no dia 25 de janeiro de 2011, quando os primeiros protestos aconteceram na capital, Cairo, pedindo o fim do regime de Mubarak. Neste primeiro dia de manifestações, três pessoas foram mortas, retrato do que se tornaria a revolução, marcada pela violência. No total, foram mais de 300 mortos e mais de 2 mil feridos durante os protestos. No segundo dia de protestos, mais 70 pessoas foram mortas em Cairo, agravando a situação e, em seguida, Mubarak ordena corte na conexão à internet no país.. Assustado com a proporção que as manifestações estavam ganhado, Mubarak renovou seu governo em 29 de janeiro, na esperança de acalmar os ânimos da população, sem sucesso. Os protestos continuaram e os saques começaram, fazendo cidadãos se organizarem para proteger suas casas, além do Museu Egípcio. No dia 30 de janeiro, mais vozes entraram para o conflito, quando os Estados Unidos decidiram se posicionar a favor de uma transição ordenada no governo egípcio. No mesmo dia, a *Al Jazeera* teve sua transmissão proibida e TVs em todo o país foram

¹² *GOE Struggling to Adress Police Brutality: Egypt*: WikiLeaks. Tradução feita pela autora desta monografia. Disponível em: <http://wikileaks.ch/cable/2009/01/09CAIRO79.html>. Acesso em: 20 de março de 2014

¹³ Todos os dados estatísticos do parágrafos são da CIA. *The World Factbook: Egypt*. Central Intelligence Agency. Disponível em: <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/eg.html>. Acesso em: 19 de março de 2014.

fechadas.

Em 1º de fevereiro de 2011, mais de um milhão de pessoas lotam a praça Tahrir, no Cairo, para pedir a demissão do presidente Hosni Mubarak que, então, diz que não irá mais se candidatar às próximas eleições, previstas para setembro daquele ano, mas também não irá renunciar ao cargo que ocupa. Porém, a situação já tinha chegado a tal ponto e a população começou a perceber que tinha voz e podia conseguir o que realmente desejava, e não se contentaram com isso, dando continuidade aos protestos. No dia 3 de fevereiro, jornalistas e ativistas sofrem detenções e agressões, apesar do anúncio dias antes de que a polícia não iriam mais reprimir as manifestações e, no mesmo dia, mais personalidades políticas se envolvem no caso. É o caso de Angela Merkel, chanceler da Alemanha, Nicolas Sarkozy, então presidente da França, José Luís Zapatero, presidente da Espanha na época, David Cameron, primeiro-ministro do Reino Unido e Silvio Berlusconi, então primeiro-ministro da Itália, que se posicionam e pedem uma transição imediata. Apesar do quadro se agravar a cada dia, Mubarak continuou tomando medidas para tentar permanecer no poder, como uma reunião com responsáveis pela economia do país para tentar reaquecê-la, mas até mesmo a cúpula governante do Partido Nacional Democrático pediu demissão, deixando a situação do presidente cada vez pior, e perspectiva de volta. No dia 6 de fevereiro, governo e oposição se reúnem para negociar uma proposta de reforma na Constituição, e bancos e serviços públicos voltam a abrir. No dia seguinte, o presidente se reúne pela primeira vez com seu novo governo e, no dia 8, milhares de pessoas voltam a se reunir nas ruas do Cairo e Alexandria, no mesmo dia em que Omar Suleíman, vice-presidente do Egito, ameaça um Golpe de Estado. Mubarak cedo alguns poderes ao seu vice, mas reafirma que não deixará o poder. Porém, apesar da insistente resistência de Mubarak, o que parecia iminente e inevitável, finalmente aconteceu. Em 11 de fevereiro de 2011, Hosni Mubarak pediu demissão, deixando a presidência do Egito e cedendo seus poderes ao Exército, que, como primeira medida, dissolve o governo do presidente e o Parlamento, no dia seguinte à renúncia. A população vai à praça da Libertação, na capital, e celebra sua vitória após intensos 18 dias de conflitos.

Mais uma vez, os protestos da população foram bem sucedidos em sua reivindicação primária e imediata: A saída do presidente do poder. Foi então que outros países do mundo árabe usaram a Tunísia e o Egito como exemplo e começaram também suas próprias revoluções, como a Síria, Jordânia, Líbia, Yêmen, Bahrein, entre outros. Surgiu, assim, o que ficou conhecido

como a “Primavera Árabe”.

2.3. O Efeito Dominó

Após ilustrados os históricos da Tunísia e do Egito, responsáveis por levar o país até a crise ocorrida em ambos em 2011, é possível constatar que os problemas existentes, pelos quais a população foi às ruas, são realidade desses países há décadas. Desemprego entre os jovens, governo corrupto, violência policial e más condições de vida estão há muito tempo presentes no dia a dia do mundo árabe. Sendo assim, essas revoluções teriam cabimento e poderiam ter acontecido anos atrás, ou até mesmo décadas. De fato, alguns protestos, greves, manifestações e revoltas de menor proporção e alcance, aconteceram nas últimas décadas, mas apenas agora tomou tamanha proporção, marcando a história do mundo árabe e repercutindo em todo o mundo, como antes não tinha acontecido com o Oriente Médio e o Norte da África. Se a situação é a mesma há décadas, assim como a insatisfação da população, por que somente agora os protestos resultaram em mudanças? Se protestos já aconteciam antes, por que somente agora tomaram tamanha proporção? É natural que a Tunísia tenha inspirado seus vizinhos a seguirem pelo menos caminho, visto o sucesso da revolução, em termos de conseguir derrubar o governo, e o Egito aumentou essa confiança da população em si própria e na sua capacidade de mudar o país, também motivado pela renúncia do presidente. É perceptível uma espécie de “efeito dominó” no mundo árabe em 2011, na qual o sucesso de uma revolução estimulou outra. Mas, novamente, por que isso só foi possível agora, e não há décadas, quando os mesmos problemas e insatisfações já existiam?

Muitos pesquisadores, historiadores, ativista e até mesmo curiosos sobre o assunto, atribuem o sucesso das manifestações à imprensa e à internet. Foi através dela que os jovens deram o pontapé inicial para o que chegou às ruas. Apesar da porcentagem da população com acesso à televisão ser maior do que a que possui acesso à internet, até mesmo as televisões precisaram da internet para poder noticiar o que acontecia. A Al Jazeera foi de extrema importância no papel de divulgar levantes e informações sobre a situação dos protestos, visto que nem toda a população em acesso à Internet, sendo muito maior o número de pessoas que possui acesso à televisão, mas foi nas plataformas *online* que tudo realmente começou. Um importante

líder islâmico, quando perguntado pelo jornalista Kurt Anderson, da revista *TIME*¹⁴, o por que de a revolução não ter acontecido antes, afirmou que a Al Jazeera, ponto que trataremos mais a fundo em outro capítulo, e a Internet é que fizeram a diferença dessa vez.

No próximo capítulo desta monografia, pretendo analisar o papel da internet e das redes sociais nas manifestações ocorridas na Tunísia e no Egito em janeiro e fevereiro de 2011.

¹⁴ ANDERSON, Kurt. *The Protester*. TIME, 2011. Disponível em: http://content.time.com/time/specials/packages/article/0,28804,2101745_2102132,00.html. Acesso em: 20 de março de 2014.

3. A REVOLUÇÃO EM UM CLIQUE

*“Senhor Presidente, o seu povo está morto
Muitas pessoas estão comendo lixo
Olha, veja o que está acontecendo no país!
Misérias estão por toda parte e as pessoas não encontraram lugar para dormir.
Falo aqui em nome das pessoas que foram enganadas e esmagadas sob os pés
Você me disse para falar sem medo
Eu falei aqui, mas eu sei que no meu final seriam palmas”¹⁵*

Segundo o sociólogo e cientista político Jack Goldstone, uma revolução precisa de três fatores essenciais para ter início: um Estado incapaz de se manter, entrando em crise, uma elite fissurada detentora do poder político e econômico e uma parte significativa da população disposta a mobilizada para protestos. (GOLDSTONE, 1993, p. 8). O capítulo anterior mostrou claramente que tanto a Tunísia quanto o Egito tinham essas características muito presentes na sociedade. O que faltava, então, para que a revolução finalmente acontecesse? Muitos atribuem o sucesso dos protestos às redes sociais, especialmente ao *Twitter* e ao *Facebook*. Neste capítulo iremos aprofundar esta questão e de que forma a Internet possibilitou, ou ao menos agilizou, as revoluções no Oriente Médio.

As discussões a cerca da importância da Internet para as revoluções alimentam debates, mas, mesmo não podendo ser considerada única razão para os conflitos terem vindo à tona, não há como negar o papel das redes sociais na disseminação de ideias e na criação do pensamento coletivo, responsável por impulsionar uma quantidade expressiva de pessoas, principalmente jovens, às ruas. Dominique Cardon, sociólogo francês, afirmou em entrevista à Euronews que “Não devemos sobrestimar o papel da Internet enquanto causa da revolução, mas a Internet tornou-se um meio para os indivíduos se exprimirem. A Internet liberta a palavra, liberta a subjetividade.”¹⁶.

¹⁵ Rap “Rais Lebled” (“O General”, em português), do rapper tunisiano Hamada Ben-Amor. Disponível em: <http://revolutionaryarabraptheindex.blogspot.com.br/2011/08/el-general-rais-lebled.html>. Acesso em: 10 de abril de 2014. Tradução para o português feita pela autora desta monografia.

¹⁶ EURONEWS. Disponível em: <http://pt.euronews.com/2011/02/10/a-internet-libertou-a-palavra-na-tunisia-e-no-egito/>. Acesso em: 08 de abril de 2014.

3.1. As Redes Sociais e o mundo moderno

Ao se parar para pensar e falar sobre tecnologia nos dias atuais, as redes sociais logo vem à cabeça, por terem revolucionado a forma como as pessoas se comunicam e como consomem informações. Segundo Manuel Castells (2005, p. 19), “nos primeiros anos do século XXI, a sociedade em rede não é a sociedade emergente da Era da Informação: ela já configura o núcleo das nossas sociedades”. As redes sociais, aliás, marcam forte presença na lista dos 20 sites mais acessados no ano de 2012¹⁷, liderada pelo *Facebook*, que desbancou até mesmo o *Google*, que aparece em segundo lugar, seguido por outras plataformas como *YouTube*, em terceiro, *Blogger*, em décimo primeiro e *Twitter*, em décimo quarto. Isto só comprova a forte presença das redes sociais na atualidade. O primeiro da lista ainda é a rede social com maior número de usuários, chegando a contabilizar 1.155.00 perfis¹⁸. Sendo assim, é possível perceber o que muito já vem sendo dito, que essas tecnologias acabaram de tornando como uma extensão do nosso próprio corpo. Como qualquer outro espaço no qual muitas pessoas se reúnem, as redes sociais se tornaram meios de criação de pensamento coletivo, de discussão, debate, e forma através da qual pessoas com as mesmas ideias e ideais se encontram e se juntam, relação que sempre ocorreu, agora possível no espaço da Internet. O conceito de coletividade e propagação de ideias pode ser percebido através das expressões utilizadas no meio, como “seguir”, “curtir”, “comentar” e “compartilhar”, além das “Comunidades” existentes, por exemplo, no *Orkut*, rede social criada em 2004 e muito utilizada no Brasil até o *boom* do *Facebook* no país, entre 2010 e 2011, que eram espaços virtuais comunitários feitos para unir pessoas com os mesmos gostos, pensamentos, ideias ou interesses.

Como dizem as próprias palavras, que dão nome às possibilidades dentro das redes sociais, você pode escolher quem deseja seguir, comentar suas opiniões, para concordar, acrescentar informações ou mesmo discordar e, caso ache válido, compartilhar as ideias de outro alguém, para que essas cheguem a mais pessoas, formando toda uma rede de pensamento. Tais formas de interação presentes nesses meios virtuais são essenciais na criação de um espaço de livre expressão, tornando mais provável a identificação e construção de um pensamento coletivo.

¹⁷ Tecmundo. Disponível em: <http://www.tecmundo.com.br/internet/36438-conheca-os-20-sites-mais-acessados-do-mundo-em-2012.htm>. Acesso em: 08 de abril de 2014.

¹⁸ Business Insider. Disponível em: <http://www.businessinsider.com/a-global-social-media-census-2013-10>. Acesso em: 09 de abril de 2014.

As redes sociais existem desde sempre na história humana, tendo em vista que os homens, por sua característica gregária, estabelecem relações entre si formando comunidades ou redes de relacionamentos presenciais. Hoje, por meio da Internet, estamos transcrevendo nossas relações presenciais no mundo virtual de forma que aquilo que antes estava restrito à nossa memória agora está registrado e publicado.¹⁹ (SOTERO, 2009)

As redes sociais, agora no espaço *cibernético*, chegaram para ficar e desempenham um importante papel na sociedade atual, especialmente entre os jovens, grande maioria dos usuários das mesmas. O espaço virtual também revolucionou a comunicação, e os jornais tiveram que se adaptar ao novo tempo, para que não ficassem para trás. O imediatismo de publicações *online* mudou a forma como consumimos notícia. Se antes tínhamos que esperar aparecer na televisão, jornal impresso ou rádio alguma notícia, agora conseguimos saber dela e acompanhá-la em tempo real, seja através do computador, *tablet* ou *smartphone*. As pessoas estão cada vez mais conectadas e, por isso, consumindo mais notícias, no sentido quantitativo e não necessariamente em qualidade da informação, pois muitos veículos de imprensa “correm” para dar notícias em busca do imediatismo com o qual o público se acostumou nos últimos anos. No *Twitter*, por exemplo, rede social na qual as pessoas postam mensagens com, no máximo, 140 caracteres, existem os *trending topics*, lista das palavras ou expressões mais utilizadas pelos usuários em determinada cidade, país, ou no mundo, que rapidamente espalham notícias e reúnem interessados sobre o mesmo assunto. Diversos acontecimentos marcantes se tornaram populares no microblog antes de ser noticiado em qualquer rede de televisão, como, por exemplo, o caso da morte de Michael Jackson, divulgada por um site de entretenimento, que já era o assunto mais comentado na rede antes de aparecer na tela da TV.²⁰

É possível perceber que muitos se sentem mais à vontade para expressar suas ideias e opiniões através do espaço criado virtualmente do que costumam fazer no “mundo real”, longe de qualquer tecnologia. Seja por estar “escondido” atrás da tela do computador, *tablet* ou celular, ou pela maior chance de encontrar pessoas que pensem o mesmo que você, já que na Internet conseguimos atingir um público muito maior de uma só vez, devido às redes de informação criadas na Internet, o que se pode ver é que tem sido criado um espaço de ciberdemocracia, caracterizado pelo uso consciente das redes sociais, apesar da descrença de muitos nessa

¹⁹ SOTERO, Frederico. Disponível em: <http://escoladeredes.net/profiles/blogs/redes-sociais-2>. Acesso em: 14 de abril de 2014.

²⁰ The New York Times. Disponível em: http://bits.blogs.nytimes.com/2009/06/25/michael-jackson-tops-the-charts-on-twitter/?_php=true&_type=blogs&_r=0. Acesso em: 14 de abril de 2014.

possibilidade. Um dos maiores exemplos que comprovam o poder que não só as redes sociais, mas o pensamento coletivo criado através delas, é capaz de realmente ter efeito no mundo “não-virtual”, é o movimento revolucionário no mundo árabe, iniciado na Tunísia com forte participação das redes sociais em sua criação e disseminação.

3.2. Revolução 2.0: O papel das redes sociais na Revolução de Jasmin

A democracia aparece em comunidades nas quais a liberdade de expressão e de opinião são respeitadas e os cidadãos são participantes ativos deste regime ou forma de governo, com opiniões, informações e contribuições capazes de influenciar, direta ou indiretamente, nas decisões governamentais. Levando em consideração o governo ditatorial e o regime que estava em vigor na Tunísia, liderado pelo então presidente Ben Ali, que reprimia a liberdade de expressão da população, por meio da censura e da proibição de grandes reuniões públicas, a Internet fez, no país, o papel de democracia que a sociedade não podia exercer, reunindo as ideias de quem, fora do mundo virtual, não podia propagar seus pensamentos e insatisfações de forma clara e impactante. Alguns dos fatores que permitem uma expressão mais democrática na Internet é que, nesse meio, não é necessário se passar por partidos, sindicatos ou instituições para propor organização, como enunciado por Cardon (2011):

Não existe relação direta entre a Internet e a democracia, em termos de causalidade, mas é evidente que a Internet dá a possibilidade aos cidadãos de ter uma democracia mais rica, mais dinâmica, mais vibrante e coletiva. Porque a Internet permite comunicar e organizar-se de forma mais horizontal.²¹
(CARDON, 2011)

As redes sociais foram responsáveis por ser o espaço onde discussões e debates sobre o governo começaram a acontecer, especialmente entre os jovens, que são maioria nesse meio, além de terem sido o meio encontrado para a criação do discurso coletivo. Pode-se dizer que a Internet foi o embrião democrático, o que entende-se por “situação que, por falta de elementos essenciais, ainda não pode ser considerada democracia, mas que conduzirá a esse mesmo regime por encerrar em si elementos que o caracterizam e por ser esse o desejo amplamente expressado pela população” (AGOSTINHO, 2001, p. 30). Contrariando os ceticistas que afirmavam não acreditar no papel social da Internet, a mesma foi ponto essencial nas revoluções no mundo

²¹ EURONEWS. Disponível em: <http://pt.euronews.com/2011/02/10/a-internet-libertou-a-palavra-na-tunisia-e-no-egito/>. Acesso em: 08 de abril de 2014

árabe, sendo o pontapé inicial para discussões maiores fora do “cibermundo”. É só parar para pensar que, cada jovem com perfil ativo em rede social, era capaz de influenciar, no mínimo, as pessoas que moravam com ele e não possuíam interação com o mundo virtual e, assim, conforme mais pessoas aderiam à discussão *online*, mas pessoas também eram influenciadas e passavam a fazer parte e a acrescentar seus pontos de vista e opiniões no “mundo *offline*”, além de somar número aos insatisfeitos e, conseqüentemente, aumentando o número de manifestantes a irem às ruas reivindicando melhorias.

De acordo com a Agência de Internet da Tunísia²², o país tem 4,2 milhões de habitantes com acesso à Internet, cerca de 39,1% da população, dos quais 84% acessam de casa e cerca de 24% utilizam os mais de 300 *Cyber Cafés*, estabelecimentos que funcionam como bar ou lanchonete e também oferecem Internet mediante pagamento, mantidos pelo governo. Contando com mais de 806 mil contas de e-mail e cerca de 31% da população no *Facebook*, com 3.328.300²³ perfis de tunisianos na rede social, dos quais 48% são mulheres e 83% tem menos de 35 anos²⁴, o comportamento “internético” do país deixa nítido a quantidade relevante de jovens tunisianos ativos nas mídias sociais. Ainda, 10.800 tunisianos estão ativos no *Twitter*, plataforma muito usada durante a revolução, com o uso de diversas *hashtags* (#) para promover ideias e informações sobre os conflitos.

A importância da Internet para o movimento teve início também na autoimolação de Mohamed Bouazizi, mencionada no capítulo anterior como ponto de partida da revolução, pois diversas pessoas que estavam na rua, em frente à Prefeitura da cidade, o viram ateando fogo ao próprio corpo, filmaram a cena com seus celulares e imediatamente publicaram os vídeos na internet, em sites como *YouTube* e *Dailymotion*, através dos quais mais pessoas tiveram conhecimento do ocorrido. Os vídeos, então, não pararam mais durante toda a onda de protestos. Segundo Rochdi Horchani, parente de Bouazizi, em entrevista²⁵ à Al Jazeera, os protestantes iam às ruas “com uma pedra em uma mão e o celular na outra” e acrescenta a afirmação de que os tunisianos poderiam ir às ruas dois anos ou o tempo que fosse que, se não houvessem os vídeos,

²² Agence Tunisienne d'Internet. Disponível em: <http://www.ati.tn/fr/index.php?id=90&rub=27>. Acesso em: 03 de abril de 2014.

²³ Internet World Stats. Disponível em: <http://www.internetworldstats.com/africa.htm#tn>. Acesso em: 03 de abril de 2014.

²⁴ Wamda. Disponível em: <http://www.wamda.com/2013/04/12-key-statistics-on-how-tunisians-use-social-media-infographic>. Acesso em: 03 de abril de 2014.

²⁵ Disponível em: <http://www.aljazeera.com/indepth/features/2011/01/2011126121815985483.html>. Acesso em: 14 de abril de 2014.

nenhuma providência teria sido tomada e a situação do país continuaria a mesma, deixando nítida a importância da mobilidade e tecnologia como agregada fundamental das manifestações em Sidi Bouzid.

3.2.1. A censura

A repressão à informação e opinião no país já vem de longa data, como o conhecido caso do jornalista Hamadi Jebali que foi preso em março de 1991 por crime de opinião, em decorrência da publicação do artigo “O povo do Estado ou o Estado do povo?”, de autoria de Rashid al-Ghannushi, em junho de 1990, na revista tunisiana *Al-Fajr*. Jebali era o responsável pela publicação, foi suspenso e teve que pagar multas acusado de estimular a violação das leis. De acordo com o Comitê dos Direitos Humanos²⁶, inicialmente, a pena seria de um ano, mas, após acusações de militares tunisianos que o jornalista planejava o assassinato do presidente Ben Ali, houve uma nova condenação, em agosto de 1992. Ele permaneceu durante 15 anos, até fevereiro de 2006, quando recebeu a liberdade condicional em ocasião dos 50º aniversário da independência da Tunísia. Hamadi Jebali acabou se tornando Primeiro Ministro do país, e ficou no cargo entre dezembro de 2011 e março de 2013. No trecho abaixo, de uma publicação do *Reporters Without Borders*, fica clara a intolerância do governo tunisiano com a liberdade de opinião e expressão:

Em 2005, a Tunísia teve a honra de sediar a Cúpula Mundial sobre a Sociedade da Informação (CMSI), um grande evento da ONU sobre o futuro da Internet. No entanto, as políticas de Internet presidente Zine el Abidine Ben Ali estão entre as mais repressivas do mundo. Todos os cibercafés são controlados pelo Estado. Eles filtram o conteúdo da *web* e estão sob vigilância da polícia. É, por exemplo, impossível acessar os Repórteres Sem Fronteiras site a partir do interior da Tunísia. Os serviços de segurança também assediam constantemente blogueiros independentes e editores de sites da oposição para garantir que a autocensura prevaleça.²⁷

A censura inerente ao regime de governo adotado na Tunísia se alastrou por todos os meios de comunicação e de transmissão de informação e opinião. A jornalista Sophie Piekaec disse, em

²⁶ Committee on Human Rights. Disponível em:

http://www7.nationalacademies.org/humanrights/cases/chr_051858.htm. Acesso em: 17 de abril de 2014.

²⁷ Reporters Without Borders. Texto traduzido pela autora desta monografia. Disponível em:

http://web.archive.org/web/20070520015813/http://www.rsf.org/int_blackholes_en.php3?id_mot=103&annee=2005. Acesso em: 16 de abril de 2014.

2005, que a liberdade de imprensa no país era praticamente inexistente, e ainda que “o jornalismo não existe na Tunísia. A censura é uma arma contra a liberdade de imprensa na Tunísia”²⁸. Sendo assim, as plataformas online não demorariam a entrar para a estatística de censura do governo. Um dos primeiros casos de censura tunisiana na Internet foi registrado em junho 2002, quando o economista Zouhair Yahyaoui foi preso, condenado a dois anos de prisão em regime fechado por crime de conspiração contra o governo. Yahyaoui fundou o site *Tunezine*²⁹, site tunisiano com informações políticas e que fez grande sucesso no país. Ele foi condenado após ter divulgado uma carta endereçada ao presidente, de autoria de seu tio, o juiz Mokhtar Yahyaoui, na qual denunciava a falta de independência do poder judiciário, bem como crimes cometidos pela instância em nome do Estado. A preocupação em reprimir toda e qualquer opinião que fosse de encontro ao governo, já indicava sérios problemas e que em breve algo pior pudesse vir à tona. Segundo Cardoso e Lamy (2011, p. 88), “parece inegável que a censura, em especial em momentos fulcrais da política, indicam uma importância, nem que seja em potência”, pois, ainda de acordo com eles, “não se censuram pólos que não detêm qualquer poder no espectro interno ou internacional”.

A partir de então, diversos sites sofreram censura ou foram retirados do ar, contabilizando uma grande lista, formada principalmente com sites de informações e discussões políticas³⁰ e, assim, restringindo ao máximo a possibilidade de transmissão de informação e notícias *online*. No início dos protestos, a mídia tradicional foi proibida de relatar qualquer fato que enunciasse o que estava acontecendo em Sidi Bouzis, foi então que os ativistas passaram a fazer da Internet e suas redes sociais o “palco” do qual necessitavam. Não demorou muito tempo para o governo perceber o importante papel que plataformas como o *Facebook* e o *Twitter* tinham e tornar ainda mais rígida a censura. No início de janeiro de 2011, no auge dos protestos, consciente da força das redes sociais, as autoridades limitaram a divulgação de imagens dos protestos, bem como sua repressão, também para evitar despertar um interesse maior na mídia estrangeira, que estava começando a prestar atenção na situação tunisiana. Algo se tornou cada vez mais recorrente na

²⁸ Disponível em: <http://www.panapress.com/Liberdade-de-imprensa-reprimida-na-Tunisia--12-402167-89-lang4-index.html>. Acesso em: 17 de abril de 2014.

²⁹ *Ibidem*

³⁰ *Tunezine*. Disponível em: http://www.tunezine.com/article.php3?id_article=913#nb1. Acesso em: 14 de abril de 2014.

vida dos internautas tunisianos: “404 not found”³¹, mensagem que aparecia quando tentavam acessar um site que havia sido bloqueado, porém isso não foi capaz de conter os manifestantes, que continuaram lutando por mudanças. As mensagens de bloqueio acabaram servindo, na verdade, como incentivador do movimento, já que com a comunicação *online* cada vez mais difícil, as pessoas sentiram maior necessidade de ir para as ruas em busca da construção do discurso que vinha sendo feita na Internet. Os ativistas buscavam construir um discurso sem líderes e sem centro, para combater de forma mais eficaz a censura e a repressão, já que não havia um responsável central por tais atos.

As autoridades da Tunísia, intimidadas pelo poder crescente da Internet, chegou a provocar até mesmo cortes na rede e quedas de energia em Sidi Bouzid e cidades vizinhas. No dia 3 de janeiro de 2011, teve início a “Operação *Phishing*”³², que atingiu vários blogueiros, destinada a aniquilar sua dissidência online. Quatro dias depois, em 7 de janeiro³³, ocorreu mais uma tentativa do governo de silenciar “a voz da *web*”: blogueiros e *web* ativistas foram presos, além do *rapper* Hamada Ben-Amor, que havia publicado a música “O General”, citada no início deste capítulo, no *YouTube*, com uma letra que contém severas críticas ao governo. Apesar das tentativas de repressão, as pessoas iam a extremos para certificar-se que seus vídeos foram publicados. Ali Bouazizi, primo de Mohamed e um dos agredidos pela polícia, teve graves ferimentos no rosto, principalmente no olho. Porém, ao contrário do que era esperado pelas autoridades, tais atitudes só fortaleciam os movimentos, pois para cada *site* fora do ar e cada informação interceptada, novas estratégias para driblar a ditadura surgiam e, rapidamente, eram espalhadas nas redes sociais. Como bem pontuou o ativista e blogueiro egípcio Amr Gharbeia (2011, p. 8)³⁴, “desligar a tecnologia não desliga a rede social, porque ela se trata de pessoas, e não de tecnologia”.

Em resposta à censura e em mais uma tentativa de atingir as autoridades por todos os lados, a partir do dia 2 de janeiro de 2011, *hackers* invadiram *sites* do governo em ações reivindicadas pelo grupo *Anonymous* que deixou pelo menos 14 páginas oficiais, como a do primeiro-ministro

³¹ Global Voices. Disponível em: <http://advocacy.globalvoicesonline.org/2008/09/24/tunisia-404-not-found/>. Acesso em: 14 de abril de 2014.

³² Ato de tentar adquirir informações como nomes de usuários, senhas de dados de cartão de crédito, se passando por fonte eletrônica confiável.

³³ Al Jazeera. Disponível em: <http://www.aljazeera.com/news/africa/2011/01/20111718360234492.html>. Acesso em: 17 de abril de 2014.

³⁴ Em entrevista concedida à Anne Alexander e Miriyam Aouragh. Disponível em: <http://ijoc.org/index.php/ijoc/article/viewFile/1191/610>. Acesso em: 17 de abril de 2014.

e a da Presidência da República, fora do ar³⁵. Tal atitude acabou por representar maiores gastos, contribuindo para aumentar o prejuízo que a Revolução de Jasmin causou aos cofres públicos tunisianos. Segundo levantamento feito pela empresa Geopolicy, o rombo pode ter ultrapassado 2 bilhões de dólares, cerca de 4.460 bilhões de reais, representando aproximadamente 5% do PIB do país³⁶, uma porcentagem alarmante.

3.2.2. Onda de vídeos no YouTube e Dailymotion

Na tarde de inverno que marcou o país, 17 de dezembro de 2010, dezenas de comerciantes tunisianos que conheciam Mohamed Bouazizi protestaram em frente à sede da Prefeitura de Sidi Bouzid após a autoimolação do jovem comerciante, cobrando explicações do governo sobre o que tinha acontecido anteriormente naquele dia e levado Bouazizi a tomar uma atitude tão drástica. Vídeos do protesto na cidade³⁷, bem como da própria autoimolação do jovem, foram gravados e publicados na Internet em pouco tempo, com o intuito de mostrar à população o que estava acontecendo. É certo que a atitude dos manifestantes em publicar os vídeos *online* demonstra o desejo de contar para mais pessoas o que está acontecendo, expondo a situação a quem não estava ali no momento. O que eles certamente não podiam imaginar é que estes seriam os vídeos responsáveis por desencadear a revolta na Tunísia. Menos de dois dias após o ocorrido, as filmagens já estavam no *YouTube* e, a partir de compartilhamentos no *Facebook*, mais pessoas foram sendo noticiadas sobre o que estava acontecendo. Os dias seguintes na cidade foram marcados por passeatas pacíficas e repressão policial, todas devidamente registradas e publicadas na rede. Foi então que começaram as revoltas nas cidades vizinhas à Sidi Bouzid, que depois se espalharam pelo país, até chegar à capital, Tunis. Desde o primeiro registro em frente à Prefeitura, vídeos de protestos em diversas partes do país não pararam mais de serem postados, mostrando que o movimento havia contagiado a população insatisfeita de todo o país, que passou a entrar também na luta por melhorias. Em pouco tempo, devido ao imediatismo e à força das redes sociais, a notícia se espalhou por todo o mundo árabe e, depois, noticiada pela Al Jazeera,

³⁵ BBC News. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/news/technology-12110892>. Acesso em: 16 de abril de 2014.

³⁶ Geopolicy. Disponível em: <http://www.geopolicy.com/upload/content/The-Cost-of-the-Arab-Spring.pdf>. Acesso em: 17 de abril de 2014.

³⁷ The Lede. Disponível em: http://thelede.blogs.nytimes.com/2011/01/22/video-that-triggered-tunisia-uprising/?_php=true&_type=blogs&_r=0. Acesso em: 18 de abril de 2014.

fazendo com que, em certo momento, os vídeos fossem vistos nas mais distintas partes do mundo.

Juan Cole (2011), em entrevista para Amy Goodman³⁸, afirmou, “você não tinha como saber o que estava acontecendo na Tunísia através da televisão (...) Você precisava estar na internet.” Canais de vídeos sobre os protestos foram feitos, criando uma conexão maior, e fazendo com que as pessoas fossem se reconhecendo. Ao digitar “Mohamed Bouazizi” na procura do *YouTube*, aparecem aproximadamente 5.880 vídeos, número que aumenta para 33.200 quando buscamos por “Sidi Bouzid”, já no *Dailymotion*, plataforma de compartilhamento de vídeos semelhante à mencionada anteriormente, a relação se inverte, mostrando maior quantidade de vídeos quando a pesquisa é pelo nome do jovem comerciante do que quando é feita pelo nome da cidade. Os números, porém, continuam enormes, com impressionantes 49.342 vídeos relacionados a “Mohamed Bouazizi” e 9.260 relacionados a “Sidi Bouzid”. A maioria absoluta dos vídeos sobre a cidade tem relação com os protestos ocorridos entre dezembro de 2010 e janeiro de 2011, sejam os vídeos feitos pelos manifestantes ou as reportagens que acabam utilizando-os como ilustração da situação. Os números expressivos mostram como a população acreditou na força da plataforma e aderiu a ela como meio de propagação da informação.

3.2.3. Compartilhamentos no *Facebook* e *Trending Topics*³⁹ do *Twitter*

O sucesso dos vídeos relatados no tópico anterior não é somente devido às plataformas nas quais foram postados, mas também ao compartilhamento dos mesmos em outras redes sociais, como o *Twitter* e o *Facebook*, fortemente utilizados como meio de difusão da mensagem revolucionária. Afinal, mais de 10 mil tunisianos usam a primeira e mais de três milhões têm perfil na segunda, representando cerca de 31% da população. Levando em consideração que cada um dos usuários da rede conseguisse transmitir notícias e mobilizar, no mínimo, duas ou três pessoas que não possuam conta na mesma, toda a população tunisiana já estaria consciente do que estava acontecendo no país, além de acompanhar o movimento que estava começando a surgir na *web*. Tal probabilidade é forte, pois muitas pessoas do convívio podem ser abordadas pelos usuários, como seus pais, irmãos, avós, tios e familiares em geral, além de pessoas no

³⁸ Disponível em: http://www.democracynow.org/2011/1/18/juan_cole_tunisia_uprising_spearheaded_by. Acesso em: 09 de março de 2014.

³⁹ Lista com os assuntos mais comentados no microblog. Pode ser mundial ou separada por país.

trabalho ou na convivência diária. Apesar da limitação de conexão com a Internet presente em algumas partes do país, a mensagem transmitida através das redes sociais se espalhou consideravelmente e chegou aos ouvidos de uma parcela grande da população, o suficiente para dar início aos protestos nas ruas, saindo das redes sociais para protestar *offline*, de forma a dar a força necessária para que os ativistas atingissem o objetivo principal das manifestações, afetando diretamente no governo. Dessa forma, ao contrário do que críticos afirmavam, a Internet não limitou o conhecimento e a informação apenas para aqueles que vivenciam o mundo cibernético, mas para todos, de uma forma geral, por meio da união de ações *on* e *offline* em prol de um objetivo comum. Além disso, as redes sociais foram o palco mais seguro para manifestações enquanto apertava o controle e a censura do governo. Para Cardoso e Lamy (2011, p. 78), “falar de formas de relação social na Internet é discutir como os cidadãos apropriam as novas possibilidades de comunicação, como se posicionam face às suas vantagens e dificuldades”.

A apropriação das mídias sociais, bem como a forma como seus usuários passaram a enxergá-las, se moldou conforme o contexto social, político e econômico, além dos hábitos e necessidades de algum grupo de pessoas, seja em pequena ou grande escala. Sobre isso, Castells (2011), disse que com a revolução na Tunísia vimos “emergir um novo sistema de comunicação de massas, construído com a mescla interativa e multimodal entre televisão, Internet, rádio e plataformas de comunicação móveis”. As pessoas se adaptaram ao cenário em busca de angariar mais apoio para as ações em busca do objetivo final, que era a queda do então presidente, Ben Ali e criaram uma sofisticada rede de comunicação reunindo desde a mobilização boca a boca em regiões mais pobres até a utilização de Internet para publicar seus vídeos, bem como as mídias sociais como forma de compartilhá-los. Além das ações que tiveram início na Internet e foram parar nas ruas, vale salientar que o caminho inverso também estava presente, pois os manifestantes alimentavam comunidades *online* sobre o assunto com os acontecimentos das ruas, para estimular os debates.

O *Twitter* exerceu um papel significativo na Revolução de Jasmin. Sob as *hashtags* *#tunisia*, *#sidibouzir*, *#freetunisia*, os ativistas reuniram, além de informações sobre o que estava acontecendo no momento, diversas dicas sobre como se proteger da polícia nos protestos, alertas sobre as áreas mais vigiadas pela polícia nas cidades, os pontos de encontro das manifestações e chegaram até mesmo a confrontar informações veiculadas na imprensa, quando a mídia oficial

divulgou informações erradas sobre os acontecimentos no país. De acordo com relatórios⁴⁰ da empresa de monitoramento de tráfego do *Twitter*, foram publicados mais de 100 mil mensagens no microblog contendo *#sidibouzid* e mais de 196 mil com *#tunisia*, entre os dias 12 e 19 de janeiro de 2011, postadas por mais de 50 mil usuários. No dia 14 de janeiro, dia da queda do general Ben Ali, os números da rede social impressionam, pois nesse dia foram disparadas tantas mensagens que chegou a registrar um pico de 28 *tweets*⁴¹ por segundo. Se as mensagens podem ser contabilizadas, seu alcance não pode ser medido, pois é um meio de comunicação de muitos para muitos. De acordo com Allagui e Kuebler (2011, p. 2):

Os movimentos árabes provaram o poder motivador de redes sociais para o ativismo social. A solidariedade entre os membros das redes desafiou ditadores, seus censores online, e a polícia offline. Os membros das redes criaram conteúdo revolucionário em seus celulares e mídias digitais, e eles distribuíram esse mesmo conteúdo para os seus amigos, familiares e membros de outras redes *offline*. Esta distribuição de conteúdo chegou à grande mídia e canais por satélite.⁴² (ALLAGUI e KUEBLER. 2011, p.2)

3.3. Redes sociais e a Revolução de Lótus

Assim como muitos aspectos da Revolução de Jasmin destacados no capítulo anterior, como até mesmo suas causas e motivações, a relação das mídias sociais com os movimentos ocorridos na Tunísia também se reflete nas manifestações que começaram a acontecer no Egito. Cardon (2011) afirma “que há uma espécie de libertação da palavra, há uma troca em pequenas redes de sociabilidade, que teve um efeito viral bastante crucial na Tunísia e no Egito no sentido em que as pessoas começaram a ousar pensar algo que não ousavam pensar antes.”. O resultado das trocas ocorridas *online* na Tunísia, motivou os egípcios a seguirem seus passos, e, mais uma vez, a Internet e as redes sociais tiveram papel crucial na revolução. Para Santos (2008, p. 112), “as técnicas são oferecidas como um sistema e realizadas combinadamente através do trabalho e das formas de escolha dos momentos e dos lugares de seu uso”.

Segundo dados⁴³ de junho de 2012, cerca de 29,8 milhões de egípcios têm acesso à

⁴⁰ TechCrunch. Disponível em: <http://techcrunch.com/2011/01/16/tunisia-2/>. Acesso em: 20 de abril de 2014.

⁴¹ Nomenclativo para as mensagens publicadas no *Twitter*.

⁴² Tradução livre do inglês feita pela autora desta monografia.

⁴³ Internet World Stats. Disponível em: <http://www.internetworldstats.com/africa.htm#tn>. Acesso em: 03 de abril de 2014.

Internet, representando 35,6% da população. Entre estes, 12,2 milhões, ou seja, aproximadamente 14,5% dos egípcios, possuem conta de usuário no *Facebook* e 520 mil têm página no *Twitter*, sendo reconhecido como o segundo país árabe em número de usuários, atrás apenas da Arábia Saudita, que tem 1,9 milhões de pessoas com contas no microblog⁴⁴. Segundo relatório⁴⁵ do *Arab Media Forum*, de 2012, os egípcios passam cerca de três horas por dia conectados à Internet, especialmente os jovens, e o site mais acessado é o *Facebook*, tanto em árabe quanto em inglês. As redes sociais, que em 2009 ocupavam apenas 10% da preferência entre usuários de Internet, agora aparecem com 30,1% entre as atividades mais comuns dos egípcios na *web*, atrás apenas de obter notícias, com 51,5%. Somando a procura por informações e notícias com o uso das redes sociais, percebemos mais de 80% das atividades da população na Internet, sendo natural fazer uma relação de tais números com a influência e importância da Internet nos protestos e em toda a reformulação política do Egito.

A relação das redes sociais e da vida política egípcia já vem desde antes das revoluções de 2011 pensarem em acontecer. Em 2008, foi criado o “Movimento 6 de abril”⁴⁶ no país, no qual um grupo de oposição ao governo convocou, através da Internet, especialmente do *Facebook* uma greve geral para os trabalhadores do setor têxtil, além de manifestações em busca de melhores condições de trabalho na cidade de Al-Mahalla Al-Kubra, maior centro têxtil do Egito. Na ocasião, o governo bloqueou inutilmente o acesso à Internet no país, cortando as redes de telefonia, numa tentativa frustrada de interromper a onda de insatisfação que já tinha se formado. O movimento conseguiu reunir mais de 70 mil apoiadores e continuou acontecendo nos anos posteriores, no mesmo 6 de abril. Em 2011, porém, foi um dia de comemoração pela vitória da causa trabalhista e saída de Mubarak do poder, ocorrida nos meses anteriores. Por mais que não tenha prosseguido para algo maior, o movimento deixou na população a sensação de que juntos poderiam, sim, fazer a diferença para mudar os rumos do país, e que a Internet e suas redes sociais eram fortes aliadas nesta causa, o que foi importante quando surgiram os movimentos em janeiro de 2011.

Se a Tunísia teve como ponto de partida para os protestos a autoimolação de Bouazizi, o

⁴⁴ Arab Social Media Report. Disponível em:

<http://www.arabsocialmediareport.com/Twitter/LineChart.aspx>. Acesso em: 20 de abril de 2014.

⁴⁵ Arab Media Forum. Disponível em: <http://www.arabmediaforum.com/userfiles/EnglishAMO.pdf>. Acesso em: 20 de abril de 2014.

⁴⁶ UOL. Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/efe/2011/04/06/movimento-6-de-abril-a-faisca-da-revolta-egipcia-celebra-3-aniversario.jhtm>. Acesso em: 20 de abril de 2014.

Egito também tem seu jovem que, por muitos, é considerado como incentivo para o início dos movimentos no país. O jovem em questão é Khaled Said⁴⁷, morto aos 28 anos em estranhas circunstâncias, vítima da brutalidade policial em junho de 2010. Said, natural de Alexandria, foi espancado por dois policiais até a morte por possuir um vídeo dos mesmos compartilhando os restos de uma apreensão de drogas. Assim como ele, muitos outros jovens foram mortos pela polícia e pelo governo, mas, dessa vez, isso não seria esquecido e não seria apenas mais um número na estatística, sem que nada surgisse disso. A página dedicada a ele no *Facebook* foi usada como plataforma para debates que culminaram com o início da revolta em 25 de janeiro de 2011. Mesmo após o início da revolução, durante o tempo todo, a mesma página foi usada para trocar informações, promover debates, combinar estratégias e angariar mais pessoas para se juntarem aos ativistas nos protestos.

Assim como nas manifestações de 2008, o governo também bloqueou o acesso à Internet⁴⁸, incluindo as mídias sociais mais utilizadas, como *Facebook*, *Twitter*, *Hotmail* e até o *Google*, no Egito em 2011, porém, também como em 2008, de nada adiantou, pois mesmo assim vídeos e informações não paravam de chegar⁴⁹ dos egípcios através do *Twitter*. Na tentativa de ajudar a disseminar a informação no Egito, o próprio *Google* em parceria com o *Twitter*, lançou uma plataforma para driblar mais uma vez a censura imposta à população pelas autoridades, o que acabou levando a informação da revolução no país para um público muito maior, frustrando o governo autoritário que queria interromper a onda de protestos e “calar” a população de uma vez por todas. O serviço, chamado de “*Speak-to-tweet*”⁵⁰ foi lançado para ajudar os manifestantes do país, através do qual era permitido que eles enviassem mensagem que seriam automaticamente transcritas através do serviço de reconhecimento de voz ligando para o número divulgado. As mensagens foram todas postadas no *microblog* com a *hashtag* *#egypt*, para tornar mais fácil a assimilação pelos usuários da rede social.

De acordo com Castells (1999 apud MORAES, BODRUK e LOPES, 2011, n.d.), “os detentores do poder na sociedade são aqueles que dominam e controlam o conhecimento e a

⁴⁷ The Huffington Post. Disponível em: http://www.huffingtonpost.com/2011/10/26/khaled-said-police-convicted_n_1032884.html#. Acesso em: 20 de abril de 2014.

⁴⁸ The Guardian. Disponível em: <http://www.theguardian.com/world/2011/jan/26/egypt-blocks-social-media-websites>. Acesso em: 20 de abril de 2014.

⁴⁹ Mashable. Disponível em: <http://mashable.com/2011/01/31/egypt-twitter-infographic/#>. Acesso em: 20 de abril de 2014.

⁵⁰ The Guardian. Disponível em: <http://www.theguardian.com/technology/2011/feb/01/google-twitter-egypt#>. Acesso em: 20 de abril de 2014.

informação”. Nas revoltas ocorridas no Egito e na Tunísia, o poder foi gradativamente saindo do controle do governo e passou a ficar cada vez mais nas mãos da população, pois era aonde estava o controle e o conhecimento sobre o que estava acontecendo e quais seriam os próximos passos da revolução. Muito disso se deve a capacidade da população se comunicar com facilidade e rapidez através das redes sociais e transmitir informações, conhecimento e promover debates através da Internet. Por mais que a situação política, social e econômica da Tunísia e do Egito anunciasse uma revolução prestes a explodir a qualquer momento, com ou sem o auxílio da Internet, é possível perceber que a forma de organização e a eficácia dos movimentos foram potencialmente e positivamente afetados pela técnica, pelo meio utilizado. Foi a partir do momento em que o poder ficou nas mãos do povo que as ações revolucionárias foram desencadeadas e obtiveram sucesso.

A partir do momento em que mais pessoas se juntam em prol de uma mesma causa, mais chances a mesma tem de prosperar, e nas revoltas no Oriente Médio e norte da África, foi assim. Diferentes indivíduos com um objetivo em comum por mais liberdade de expressão e melhores condições de vida, se uniram e abraçaram a mesma causa, aspecto que foi essencial para o sucesso das revoluções. Muitos desses indivíduos tomaram conhecimento das ações revolucionárias por meio da Internet, porém, a televisão continua sendo a maior fonte de informação da população, atingindo um número maior da população, que possui televisão, mas não tem acesso à Internet. Pode-se dizer que a Internet foi o pontapé inicial, mas não que fez o papel de divulgação sozinha. Quando foi, então, que as informações passaram a ser televisionadas? Quando, por qual motivo e de qual forma passou a ser necessária a divulgação das informações através da televisão, e como isso foi possível em meio à censura tão forte nos países envolvidos? Além disso, em que momento as revoluções deixaram de ser assunto apenas em sua região e passaram a ser de interesse internacional? No próximo capítulo analisaremos o início da cobertura jornalística dos protestos, até então apenas transmitidos e divulgados dos ativistas para outros ativistas, sem contexto jornalístico. Analisaremos também quando e de que forma os movimentos tornaram-se assunto na imprensa brasileira.

4. A REVOLTA COMO NOTÍCIA

É inegável a importância da Internet e suas redes sociais para os conflitos no Oriente Médio e norte da África, pois elas propiciaram a criação de um ambiente democrático no qual indivíduos pudessem debater e se organizar para então partir para ações revolucionárias práticas em prol de um interesse em comum. Porém, apesar da significativa parcela da população com acesso à Internet e da grande quantidade de tunisianos e egípcios com perfis de usuários em redes sociais, as plataformas que atingiam um público maior continuavam sendo as tradicionais, como rádio, jornais impressos e, principalmente, a televisão. A partir do momento que as manifestações passaram a ser cobertas pela imprensa, em todas as suas formas e meio, seja por jornais impressos, televisionados, rádios ou mesmo *sites* de notícias, os movimentos passaram a ganhar uma importância maior, além de mais credibilidade por parte do grande público, e a trazer mais pessoas para lutarem juntas em busca de condições melhores de vida.

4.1. A relação dos tunisianos e egípcios com a imprensa

De acordo com relatório do *Arab Media Forum*⁵¹, enquanto a quantidade de pessoas com acesso à *web* na Tunísia é de um pouco menos que 40% da população, esse número sobe para 94% quando se fala sobre o acesso à televisão e o mercado *mobile* possui impressionantes 114% de penetração entre os indivíduos tunisianos. A Tunísia também possui oito jornais diários circulando no país. Desde a revolução de Jasmin, o novo governo tunisiano propôs a elaboração de um novo projeto de lei que regulamentasse as operações da imprensa no país. O projeto foi feito por uma subseção do *Alto Comissariado para a Realização de Objetivos Revolucionários, Reformas Políticas e Transição Democrática*, o comitê de mídia e comunicação audiovisual, criado em 2011, em parceria com a *Thomson Media Foundation*, e incluía cláusulas como a de que os jornalistas deveriam assumir a responsabilidade por suas ações. Depois das reformas feitas no regime de governo tunisiano, ocasionadas pela revolução, houveram também mudanças significativas nos jornais impressos, com o ressurgimento de alguns títulos que haviam sido populares anos antes, como o *Al Fajr*, que saiu de circulação em 1990 e voltou em abril de 2011. Em contrapartida, jornais como o francês *Le Renouveau* e o árabe *Al Horia*, que pertenciam ao

⁵¹ Arab Media Forum. Disponível em: <http://www.arabmediaforum.com/userfiles/EnglishAMO.pdf>. Acesso em: 30 de abril de 2014.

partido político que liderava o governo derrubado do poder, deixaram de existir, o que não foi surpreendente. Ainda, a preferência dos tunisianos é por ler as notícias *online* e o primeiro *site* do país em inglês, *Tunisia Live*⁵², foi lançado em 2011, idealizado por um grupo de jovens que queria compartilhar com diversas partes do mundo as notícias sobre os acontecimentos no país, aliando o jornalismo às forças revolucionárias. Ainda, o premiado *blog Nawaat*⁵³, em parceria com CONFEJS⁵⁴ e o *Canal France*, criou um projeto de incentivo ao jornalismo cidadão em centros de jovens ao redor do país, incentivando esses jovens a utilizarem computadores para disseminarem opinião e notícias.

A televisão está presente nos lares de mais de 90% dos tunisianos, se configurando, então, como o meio que possui maior visibilidade e, conseqüentemente, atinge e afeta mais pessoas. O país possui quatro canais *Free-to-Air*⁵⁵, sendo todos esses canais estatais, e cinco novas estações estão sendo recomendadas para licenciamento pela *Autoridade Nacional para a Reforma da Informação e Comunicação*, órgão criado também após a revolução, para fiscalizar os meios de comunicação. As novas estações estão prestes a se juntar às outras já existentes, como *Hannibal TV* e *Nessma TV*, como canais independentes. Já canais nacionais operados pela *Tunisian Radio* e pela *TV Establishment*, passaram por mudanças de gestão desde a revolução e, conseqüentemente, alteraram e adaptaram programação e conteúdo. Outro meio de comunicação muito forte na Tunísia é a Internet, como já foi mostrado no capítulo anterior. Porém, além da notória presença das redes sociais, também vale ressaltar o uso da *web* para o jornalismo. A maioria da população afirma preferir ler notícias *online*, em vez de no jornal impresso, caracterizando o uso da plataforma não só como meio de comunicação interpessoal, mas como fonte de informação. Além dos jornais, a rádio também conquistou seu espaço na *web* e a rádio *online Mosaique FM*⁵⁶ figura na lista dos 10 maiores *sites* da Tunísia, em termos de tráfego.

Já no Egito, segundo o mesmo relatório, 96% da população possui televisão e 86% têm celular, contra pouco mais de 35% com acesso à Internet. O país possui 21 jornais diários e, apesar da circulação dos mesmos continuar forte, com estimados 45% da população lendo jornais diariamente, bem diferente do que ocorre na maioria dos países, apenas 2% dos habitantes têm

⁵² Tunisia Live. Disponível em: <http://www.tunisia-live.net/>. Acesso em: 30 de abril de 2014.

⁵³ Nawaat. Disponível em: <http://nawaat.org/portail/>. Acesso em: 30 de abril de 2014.

⁵⁴ Conferência dos Ministros da Juventude e Desportos da Francofonia, em tradução para o português.

⁵⁵ Free-to-Air (FAT) é o termo utilizado para caracterizar o sinal de TV e rádio não criptografado.

⁵⁶ Radio Mosique FM. Disponível em: <http://www.mosaiquefm.net/>. Acesso em: 30 de abril de 2014.

assinatura de algum deles. Ainda, “enquanto a mídia de impressão é diversa no Egito, continua a ser em grande parte, de propriedade do Estado e de outros partidos políticos. A indústria de jornais no Egito testemunhou vários novos lançamentos contra o pano de fundo do acusado clima político.” (Arab Media Forum, 2012, p. 138). Segundo pesquisa presente ainda no relatório, a cobertura de notícias foi a principal razão para as pessoas lerem jornal no Egito em 2011 e 2012, com 53,5%, seguido por fatores habituais e preferência por jornalistas específicos. Entre as notícias, o maior foco de interesse da população foi a política, com 79,1%, seguido por assuntos atuais, com 70,7% e esportes, com 36,3%. O fato de a política ter liderado a lista já era esperado, em virtude das manifestações que tiveram início em 2011, chamando mais atenção da população egípcia para o assunto e fazendo com que ficassem mais interessados no desenvolvimento contra o cenário de instabilidade política existente no país. A preferência por notícias assuntos atuais, com 64,8% e notícias, com 41,8%, também lideram os interesses dos leitores de revista, seguidas novamente por esportes, em terceiro lugar, com 40,4%. Seguindo o mesmo padrão dos jornais impressos, a maioria das emissoras de televisão do Egito também pertencem ao governo e o mesmo tem participação financeira em dois canais privados, *Al-Mehwar* e *Dream*. Desde a recente revolução política ocorrida na região, um número maior de canais foram lançados e conquistaram aderência do público, sendo um deles, *CBC (Capital Broadcast Center)*, criada em julho de 2011, o sétimo canal de televisão mais assistido no Egito atualmente, fazendo sucesso principalmente entre o público na faixa etária entre 25 a 34 anos, a mesma da maioria dos ativistas dos protestos. Os egípcios, aliás, passam muito tempo em frente à televisão, cerca de 40% deles afirma assistir quatro horas ou mais de televisão por dia e o gênero mais visto, mais uma vez, são notícias, superando esportes, que ocupava o primeiro lugar em 2009. Muito disso é atribuído às recentes transformações políticas e sociais da região, ocasionadas pela revolução no mundo árabe.

4.1.1. Imprensa sem voz

Após a Revolução de Jasmin, como dito no tópico acima, foram criados comitês específicos para a regulamentação das relações de imprensa no país, como uma das primeiras medidas tomadas no novo governo. Dessa forma, ao notarmos a preocupação em regulamentar e discutir essas relações, é possível perceber que havia ali um sério problema. Durante muito

tempo, a maioria - senão todos - os veículos de comunicação pertenciam às autoridades e eram terminantemente proibidos de falar qualquer coisa que fosse de encontro às ideias ou ações do governo. Os jornalistas não tinham voz, calados pela medo imposto por uma forte censura de um governo autoritário. Esse mesmo problema também era enfrentado no Egito, mais um país vítima da censura imposta pelo regime ditatorial. Com tal empecilho, levar informações sobre as reais condições do governo e criar uma consciência política na população era uma tarefa árdua.

A relação de ambos os países com a imprensa sempre se deu de forma conturbada, com a censura sempre presente. No caso da Tunísia, a presença da mesma tornou-se mais forte e significativa no governo de Ben Ali. O Artigo 8 da Constituição Tunisiana de 1959, feita ainda no governo de Habib Bourguiba, diz que “A liberdade de opinião, de expressão, de imprensa, publicação, reunião e associação são garantidos e exercida de acordo com os termos definidos por lei. O direito de se organizar em sindicatos é garantido.”⁵⁷ O que se via na prática, porém, era bastante diferente do que se pode chamar de “liberdade de expressão e de imprensa”. A Tunísia tem cerca de 380 bibliotecas públicas no país, o que poderia representar um estímulo à leitura. Pode até ser que isso aconteça, mas não se pode dizer que os tunisianos têm direito a ler sobre tudo, já que o Código de Imprensa da Tunisia exige que livros tenham um recibo do Ministério do Interior para que possam ser distribuídos no país, e, sendo assim, era muito comum que muitos deles fossem proibidos ou sofressem restrições ou alterações. Assuntos como islamismo e direitos humanos eram recorrentes na lista das obras “barradas” pelo governo. A mesma censura ocorria nos outros meios de comunicação, porém, na maioria, de forma preventiva, já que a quase todas as emissoras de televisão, rádios e jornais pertenciam ao governo. Enquanto o rádio tinham alguns canais privados, mesmo que proibidos de transmitir notícias de forma independente e somente podendo existir mediante aprovação do governo, a televisão vivia sob um completo monopólio estatal. Os jornais impressos eram obrigados a seguir essencialmente a linha de governo e relatar de forma acrítica as ações do presidente e diversas edições de estrangeiras como *Le Monde*, *La Croix*, *Libération* e *Le Figaro* foram proibidas ou censuradas por conter publicações criticando a situação dos direitos humanos e relatando possíveis fraudes eleitorais. Com o intuito de se prevenir contra acusações de censura, Ben Ali limitou o número de jornais estrangeiros que poderiam circular no país. A repressão contra os jornalistas que fugiam às regras

⁵⁷ Constituição Tunisiana de 1959. Disponível em: http://www.wipo.int/wipolex/en/text.jsp?file_id=188948. Acesso em : 30 de abril de 2014.

era severa e, além do caso de Hamadi Jebali citado no capítulo anterior, há muitos outros casos que vieram à tona de jornalistas punidos por levar informação à população condenada a não ter conhecimento sobre a políticas e as relações sociais de seu país, e a não pensar em direitos humanos.

No Egito, mais uma vez, a situação se repete, com o Estado controlando e decidindo quais conteúdo o público pode ver e que tipo de informação pode receber. Porém, ao contrário da Tunísia, no Egito essa questão vinha melhorando nos últimos anos, aumentando a liberdade e ficando mais distante do controle governamental, ao menos durante um tempo. Em 2005, Ahmed Selim, diretor do escritório do Ministro da Informação Anas al-Fiqi, chegou até mesmo a declarar “uma era livre, transparente e independente na mídia egípcia.”⁵⁸ Porém, após a considerável abertura da liberdade de imprensa, houve um retrocesso oficial interrompendo a tendência positiva. Muitos jornalistas de jornais privados foram detidos ou presos por violar leis que proíbem críticas ao presidente, às instituições do Estado e a líderes estrangeiros e muitas dessas críticas aconteceram após a reformulação das leis de imprensa, em 2006, que continuava proibindo e criminalizando difamação contra autoridades.⁵⁹ Outro tema fortemente censurado no país são as discussões religiosas. A televisão na Tunísia é um misto entre empresas estatais e privadas. As TVs estatais operam duas redes nacionais e seis redes regionais, cada uma com diversos canais, cujos conteúdos eram todos controlados pelo Ministro da Informação. As rádios seguem a mesma linha das TVs e contabilizam cerca de 70 estações estatais, pertencentes à oito redes e duas estações privadas⁶⁰. A Al Jazeera, do Qatar, se tornou muito popular entre os egípcios, principalmente por causa das notícias, já que as emissoras estatais egípcias tinham seu conteúdo controlado e as privadas eram proibidas de transmitir notícias sobre política, sociedade, economia e tudo que não fosse sobre entretenimento ou música.

Com esses cenários como plano de fundo da relação com a mídia na região, é natural se esperar que o governo de ambos os países fosse dificultar a transmissão de notícias sobre as manifestações. E foi o que realmente aconteceu. Com os meios de comunicação pertencentes ao governo proibidos de tocar no assunto e os jornalistas estrangeiros proibidos de entrar no país

⁵⁸ TBS. Disponível em: <http://tbsjournal.arabmediasociety.com/Archives/Fall05/Levinson.html>. Acesso em: 01 de maio de 2014.

⁵⁹ Freedom Media House. Disponível em: <http://www.freedomhouse.org/report/freedom-press-2007/overview-essay>. Acesso em: 01 de maio de 2014.

⁶⁰ The World Factbook. Disponível em: <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/eg.html>. Acesso em: 01 de maio de 2014.

sem autorização prévia, as autoridades esperavam conseguir “calar” a voz do povo e da mídia. Na Tunísia, desde os primeiros atos revolucionários em dezembro de 2010, até o fatídico 14 de janeiro de 2011, o regime intensificou os esforços para censurar a imprensa, dificultando ainda mais a cobertura das manifestações, e vários blogueiros e ativistas foram presos nesse período, além de impedir a entrada de jornalistas estrangeiros no país. No entanto, o movimento ganhou tamanha força e proporção que Ben Ali acabou mal sucedido e fugir do país. Após a queda do ditador, os jornalistas, blogueiros e manifestantes que haviam sido presos, foram soltos e passaram a ter o direito de se expressar sem temer detenções por parte da polícia ou do governo. O fim do governo de Ben Ali representou uma grande mudança nos meios de comunicação do país, jornais privados foram lançados e alguns já existentes passaram por reformulação, começando a se desvincilhar do Estado e a ter, então, mais liberdade de conteúdo e expressão. A mídia tunisiana ganhou uma abertura considerável desde então e um novo código de imprensa foi criado, eliminando, por exemplo, a exigência de que publicações só fossem feitas a partir da aprovação do Ministério do Interior. O Egito também tentou conter a imprensa como na Tunísia, mas seus resultados foram ainda menos satisfatórios para o governo, pois o que aconteceu no país vizinho abriu os olhos da população e da mídia para que as revoltas pudessem acontecer.

Se nos países, especialmente na Tunísia por ter sido a primeira a quebrar o silêncio, o combate à imprensa se dava de forma tão rígida, como conseguiram driblar as restrições do governo e levar informações sobre os conflitos para a população? Além do uso das redes sociais, aliadas imprescindíveis da revolução, a Al Jazeera também representou um papel muito importante, e foi a primeira emissora a cobrir os movimentos.

4.2. A importância da mídia nos campos de conflito

De acordo com a Reuters⁶¹, em novembro de 2001 José Saramago afirmou que as guerras se dividem entre as que têm sorte e as que não tem, explicando que "uma guerra que interessa aos EUA é a que coloca em movimento todos os meios de comunicação do mundo, mas uma guerra sem sorte é uma guerra na qual se morre, se mata, mas não se é notícia". O contexto da afirmação foi em relação à guerra dos Estados Unidos contra o Afeganistão, mas pode-se tomar como verdade geral que as guerras e conflitos como um todo que não são vistos como importantes pela

⁶¹ Folha. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/reuters/ult112u8872.shtml>. Acesso em: 02 de maio de 2014.

mídia, acabam não tendo o mesmo desempenho, porque, ao não se tornarem notícia, não ficam conhecidos e não sensibilizam a população o suficiente para que certas mudanças ocorram, nascendo e morrendo anônimos. O fato de governo ditatoriais tentarem bloquear a imprensa já demonstra o papel relevante que ela possui, e, sem conseguir cobrir os conflitos, a própria proibição acaba se tornando notícia. Desde guerras muito anteriores já se discute o papel da mídia e seu impacto, tanto positivo quanto negativo, nos conflitos ao redor do mundo.

Muitas vezes só entendemos algo como verdade a partir do momento que aquilo é dito para outra pessoa, ter mais alguém sabendo reforça a veracidade dos acontecimentos. Se na vida pessoal geralmente contamos o ocorrido a pessoas mais próximas para que possamos assumi-lo como verdade, no caso de grandes feitos em sociedade, é a mídia que desempenha o papel de “tornar real” para o mundo algo que só é conhecido por um grupo limitado de pessoas. Quando alguma guerra vira notícia na imprensa, é comum os olhos do mundo inteiro se virarem atentos para a região, e cada movimento passa a alimentar os noticiários sobre o assunto. Sendo assim, é possível perceber que a mídia influencia em decisões e feitos, pois, ao saber que suas ações estão repercutindo em diversas partes do mundo, líderes repensam suas atitudes, pois ficam muitas vezes receosos de repulsas de outros países. Em contrapartida, quando as revoltas não são noticiadas na imprensa, começam e terminam sem que os resultados sejam tão eficientes e logo são esquecidas.

Segundo o cientista político Luis Felipe Miguel (2004)⁶², é preciso considerar alguns aspectos mais relevantes para avaliar a importância política dos meios de comunicação em massa. São eles: a mídia como principal fornecedora de informação para que os indivíduos se situem na sociedade e também como principal difusora dos discursos dos candidatos à líderes políticos, o papel significativo desempenhado na comunicação entre a própria elite política, a realização e a fiscalização dos atores do cenário político. Através dessas características, é possível notar que, se não toda, ao menos boa parte da ação política é feita voltada para os meios de comunicação, para que a mídia fale sobre o assunto e, direta ou indiretamente, promova os líderes políticos para uma população acostumada a levar a televisão, bem como os demais meios de comunicação em massa, como verdade absoluta. Historicamente, há relatos de mentiras contadas pela mídia durante coberturas de guerras e conflitos, desde a Segunda Guerra Mundial

⁶² Revista de Sociologia e Política. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsocp/n22/n22a02>. Acesso em: 02 de maio de 2014.

até a própria Primavera Árabe, quando jornalistas pediram demissão da rede de televisão *Al Jazeera* acusando a publicação de mentiras como fatos verídicos, na tentativa de conquistar mais público, e também acusações de manipulação da sociedade pela mídia, para que seguissem o caminho desejado por ela. Muito se discute também sobre a influência que a mídia teve na cobertura dos atentados terroristas de 11 de setembro de 2001 e na conseqüente Guerra do Iraque, e diversas pessoas acusam a imprensa americana de apoiar a guerra.

Apesar da discussão gerada em torno dos reais efeitos de ter a imprensa acompanhando de perto guerras, revoltas e movimentos democráticos, é inegável que a presença da mesma é de extrema importância, pois legitima os acontecimentos de um determinado lugar para o resto do mundo, abrindo as portas para que reais mudanças e melhorias aconteçam e sejam lembradas.

4.2.1 A Al Jazeera e o jornalismo cidadão

A Tunísia, por ter sido o país a começar a onda revolucionária, foi onde as manifestações demoraram mais para virar notícia, em comparação com os países que seguiram seu fluxo, pois, depois da Revolução de Jasmin, o mundo já tinha voltado os olhos e ficado bem atento ao que acontecia na região, sendo natural que a cobertura jornalística acontecesse de forma mais rápida e fácil. Além disso, ainda foi na Tunísia que começou a queda da censura, foi lá, também por ter sido a pioneira, que tiveram que driblar as imposições do governo com soluções imediatas, abrindo um caminho mais fácil para os próximos países que entraram na onda democrática. Apesar das restrições impostas para os jornalistas estrangeiros na Tunísia, a *Al Jazeera*, emissora de televisão transmitida para mais de 100 países e sediada no Catar, foi a primeira rede de televisão a noticiar os primeiros passos da Primavera Árabe, com uma reportagem com a família de Mohamed Bouazizi e a instensificação da cobertura dos protestos. Porém, o caminho para a emissora não foi fácil e foi preciso arrumar soluções alternativas para conseguir noticiar a agitação tunisiana.

Como forma de driblar as limitações impostas pela censura do governo e evitar os riscos de levar profissionais da imprensa aos locais de conflito, a *Al Jazeera* fez uso do jornalismo cidadão, alimentando seus noticiários com informações publicadas pelos ativistas na Internet, em *blogs* e redes sociais. Os próprios manifestantes eram os “olhos” da imprensa, e suas publicações *online* tornaram possível que a mesma tivesse voz. Por mais que a Internet fosse capaz de atingir um

grande número de pessoas, a responsável por aumentar o nicho de pessoas a receberem informações sobre os protestos foi a *Al Jazeera*, levando em consideração que o acesso à Internet era limitado em áreas mais pobres do país. Ainda, foi através da emissora que diversas cidades de vários países árabes tiveram conhecimento sobre a situação tunisiana, sendo mérito do canal ter levado a notícia em primeira-mão para um público maior, principalmente fora da Tunísia, onde tinham menos contato com as informações nas redes sociais. Para aumentar o alcance, a emissora atualizava constantemente seu *site*, *Twitter* e *Facebook* com informações sobre o que acontecia na Tunísia e, posteriormente, no Egito e demais países. De acordo com Jlassi, um importante líder islâmico, em entrevista⁶³ concedida a Kurt Anderson, a revolução não aconteceu na década passada porque "a *Al Jazeera* e a Internet foram as diferenças, especialmente a *Al Jazeera* - todo mundo assiste TV."

Com o impacto causado pela cobertura da mídia, o governo de Ben Ali bloqueou o sinal de emissoras estrangeiras que estivessem cobrindo as manifestações e, então, novas estratégias tiveram que ser adotadas. Foi então que a *Al Jazeera*, além de publicar as informações em suas páginas na *web*, passou a retransmitir gratuitamente todo o seu conteúdo, via satélite, para dispositivos móveis e celulares dentro da Tunísia. De acordo com o jornal inglês *The Huffington Post*⁶⁴, a audiência *online* da emissora cresceu impressionantes 2.500% durante a cobertura dos protestos na Tunísia e Egito, e cerca de 60% desse tráfego vinha dos Estados Unidos, aonde era difícil obter qualquer informação significativa sobre o assunto procurando na mídia tradicional. Porém, apesar das diversas vantagens e benefícios de ter a *Al Jazeera* acompanhando e compartilhando informações sobre as manifestações, há também algumas críticas à emissora pela postura tomada durante a cobertura. O canal mudou a linha editorial e acabou fazendo com que alguns de seus repórteres pedissem demissão, como pode ser comprovado no trecho abaixo, de Thierry Messan :

A *Al-Jazeera* passou a acompanhar então as revoltas tunisiana e egípcia para afastar o caráter revolucionário e legitimar novos governantes favoráveis aos Estados Unidos e a Israel. Em relação ao Egito, tratou-se mesmo da visão de um

⁶³ TIME. Disponível em:

http://content.time.com/time/specials/packages/printout/0,29239,2101745_2102132_2102373,00.html. Acesso em: 20 de abril de 2014.

⁶⁴ The Huffington Post. Trecho traduzido pela autora desta monografia. Disponível em:

http://www.huffingtonpost.com/2011/01/30/al-jazeera-english-us_n_816030.html?x. Acesso em: 03 de maio de 2014.

único componente da contestação: a Irmandade Muçulmana, representada pelo pregador-mor da rede de televisão... o sheik Yusuf aL-Qaradawi. Indignados pela nova linha editorial e pelo recurso cada vez mais frequente à mentira, certos jornalistas, como Ghassan Ben Jedo, demitiram-se.⁶⁵ (MESSAN, 2011)

Parte da população ficou insatisfeita com o foco que a emissora deu aos ativistas muçulmanos, que, de forma geral, não representavam o movimento. De acordo com Juan Cole:

Al Jazeera fez um excelente trabalho de cobertura dos eventos, embora deva ser notado que muitos tunisianos ficaram ofendidos, porque eles sentiram que a emissora deu tempo demasiado para os ativistas muçulmanos, que não eram representantes deste movimento, e que Al Jazeera tem uma espécie de viés para os movimentos islâmicos.⁶⁶ (COLE, 2011)

Apesar das críticas à emissora, não há como negar o papel importante que a mesma desempenhou no compartilhamento das notícias sobre as revoluções. Afinal, foi principalmente através de seus noticiários que os movimentos passaram a ser notícia fora do mundo árabe, levando a questão democrática na região para discussões em diversos países.

4.2.2. Para além do mundo árabe

Se a *Al Jazeera* cobre os movimentos revolucionários na Tunísia desde os primeiros dias, o mesmo não se pode dizer das redes de televisão e jornais de fora do mundo árabe, sendo, muitas vezes, difícil encontrar informações sobre os conflitos no país na mídia tradicional, especialmente na americana. Para Cole (2011), as redes de notícias americanas falharam no trabalho de cobertura dos conflitos na Tunísia:

Você não podia descobrir o que estava acontecendo na Tunísia a partir da televisão e da mídia de massa americana. Você tinha que estar na internet. (...) o mundo americano das notícias pulou fora desta história. Eles não estão interessados nela. Eles não parecem pensar que é importante. Ou talvez eles estejam com um pouco de medo dela, porque ela é, afinal, uma revolução feita

⁶⁵ Matutações. Disponível em: <http://matutacoes.org/2011/10/14/wadah-khanfar-al-jazeera-triunfo-propaganda-televisiva/>. Acesso em: 03 de maio de 2014.

⁶⁶ Democracy Now. Trecho traduzido pela autora desta monografia. Disponível em: http://www.democracynow.org/2011/1/18/juan_cole_tunisia_uprising_spearheaded_by. Acesso em: 03 de maio de 2014

por trabalhadores e meios de comunicação corporativos norte-americanos são um pouco apreensivos sobre coisas assim.⁶⁷ (COLE, 2011)

Em contrapartida, Fernando Brancoli, doutorando em Relações Internacionais pela Unesp, professor da PUC-Rio e da UFRJ, membro do Comitê Internacional da Cruz Vermelha e da Organização das Nações Unidas (ONU) e autor do livro “Primavera Árabe - Praças, ruas e revoltas”, apesar de concordar que o papel da mídia ocidental não foi de grande relevância, acredita que o foco *cibernético* da revolução foi algo criado no Ocidente:

Eu acho que o papel da imprensa ocidental da Primavera Árabe foi bastante reduzido, principalmente pela dificuldade de acesso. Uma porcentagem bastante pequena da população tem acesso à Internet, por exemplo. Com ferramentas sociais isso é ainda menor - uma elite urbana, que fazia parte do movimento mas não representava a maioria - que efetivamente tinha acesso ao *Twitter* e ao *Facebook*. Acredito que a mídia ocidental que construiu essa imagem de Revolução 2.0, ou algo assim.⁶⁸ (BRANCOLI, 2014)

Os meios de comunicação em massa ingleses e, principalmente, franceses, por sua vez, acompanharam mais de perto a situação no Oriente Médio e norte da África e jornais como *Le Monde* desempenharam importante papel na distribuição de informações sobre os conflitos para os países de fora da região. Tal fato provavelmente tenha sido porque esses países já acompanhavam mais de perto as ações dos governos de Ben Ali e Mubarak, fazendo com que as manifestações nesses países representasse ponto de interesse da imprensa. Com a quantidade imensa de acontecimentos todos os dias, a mídia seleciona aqueles que são interessantes para serem transformados em notícia, seguindo os critérios de noticiabilidade, que podem variar de acordo com tempo e local, pois nem sempre o que for chamativo para a imprensa inglesa será para a americana, por exemplo. Entendemos por critérios de noticiabilidade tudo aquilo que for potencialmente capaz de atuar no processo de produção da notícias, como atualidade, proximidade, periodicidade, universalidade e difusão. Esses fatores isolados já podem caracterizam um acontecimento como notícia em determinado local, e, quando dois ou mais fatores estão presentes no mesmo fato, certamente despertará ainda mais o interesse da mídia em

⁶⁷ Democracy Now. Tradução feita pela autora desta monografia. Disponível em: http://www.democracynow.org/2011/1/18/juan_cole_tunisia_uprising_spearheaded_by. Acesso em : 05 de maio de 2014.

⁶⁸ Em entrevista concedida à autora desta monografia em 6 de maio de 2014.

transmiti-lo como notícia. Por isso a mídia francesa, por exemplo, teve interesse mais rápido do que a americana, já que a França está mais próxima e acompanhando com mais atenção os acontecimentos ao longo do governo de Ben Ali, não só no momento da revolução. Ainda assim, algo que de início não despertava muito interesse pode, depois de outros fatores entrarem para o contexto, passarem a se tornar relevantes para nichos que haviam descartado anteriormente. Um exemplo disso é a própria Primavera Árabe pois, no início, mesmo após a *Al Jazeera* começar a cobrir os protestos, mídias importantes ao redor do mundo, como, por exemplo, a americana, continuavam ignorando os fatos, até que a situação ficou mais séria e passou a ser de interesse de outras redes de comunicação. Mas, em virtude do interesse tardio, as informações detalhadas sobre o início dos protestos são confusas, como o caso de Fadia Hamdi⁶⁹, mulher policial acusada de agredir o jovem Mohamed Bouazizi, o que teria provocado maior indignação por parte do jovem, contribuindo para seu suicídio. Hamdi negou veementemente as que tivesse batido no comerciante e, por fim, a mãe de Bouazizi acabou retirando as acusações contra a policial. Como não foi feito de imediato uma pesquisa maior atrás da verdadeira versão dos acontecimentos, a realidade é construída pela boca de cada parte envolvida tentando se defender.

4.2.3. O surgimento da “Primavera Árabe”

Quando as pessoas conseguem se conectar de forma mais fácil com determinado assunto, é natural que o interesse por ele seja maior, afinal, é mais fácil atrair a atenção do público quando eles já sabem do que se trata. Dessa forma, o surgimento da expressão “Primavera Árabe” foi responsável por criar essa conexão e semelhança entre os, até então, movimentos independentes que ocorriam no Oriente Médio e norte da África, que, apesar de não terem ligação ou interferência direta entre os países, passaram a fazer parte de um conflito que engloba todos eles e, assim, tornando-se mais interessante aos olhos da mídia e do público em geral. É mais fácil um conflito de menor proporção na Argélia, por exemplo, virar notícia em diversas partes do mundo como “Primavera Árabe chega à Argélia” do que simplesmente como uma onda de protestos ocorrida no país, e isso se dá especialmente falando da mídia internacional. No caso da cobertura

⁶⁹ BBC. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/news/world-africa-13138301>. Acesso em: 06 de maio de 2014.

americana e brasileira, por exemplo, as notícias se intensificaram e ganharam maior proporção e espaço nos meios de comunicação em massa quando passaram a ser sobre a “Primavera Árabe”, e não mais apenas sobre conflitos em países árabes que, muito pela distância geográfica e política das Américas, acaba por despertar pouco interesse, tanto da mídia quando da população, nesses países. Porém, a expressão, além de criar uma identificação imediata do público com o assunto, ainda remete às tão conhecidas e estudadas “Primavera dos Povos” e “Primavera de Praga”, o que acaba por despertar um interesse maior entre os telespectadores e leitores, que se sentem, de certa forma, conectados ao assunto.

A expressão foi utilizada pela primeira vez em 2005⁷⁰, pegando carona na Guerra do Iraque, onde vários comentaristas e blogueiros começaram a prever um grande movimento em busca da democratização dos países árabes. Porém, o que antes era só especulação teve início anos depois, e a primeira vez que o termo “Primavera Árabe” foi utilizado na prática, se referindo de fato ao movimento que assim ficou conhecido, foi em 6 de janeiro de 2011, em um artigo intitulado “*Primavera Árabe do Obama?*”⁷¹, de Marc Lynch e publicado na revista americana *Foreign Policy*. Joseph Massad⁷², professor associado da Universidade de Columbia, nos Estados Unidos, declarou, em reportagem para a *Al Jazeera* em agosto de 2012, que acredita que o termo não tenha sido utilizado como de forma arbitrárias ou como uma escolha ocasional de nomenclatura, mas sim para funcionar como parte de uma estratégia dos Estados Unidos para controlar os objetivos e metas do movimento, orientando sua direção para um estilo americano de democracia liberal.

4.3. Primavera Árabe sob o olhar da mídia brasileira

Assim como aconteceu com a imprensa americana, não foi de imediato que os conflitos na Tunísia despertaram o interesse da mídia brasileira. Conforme as ações revolucionárias foram se

⁷⁰ Seattle Times. Disponível em: http://seattletimes.com/html/opinion/2002214060_krauthammer21.html. Acesso em: 05 de maio de 2014.

⁷¹ Foreign Policy. Disponível em: http://mideastafrica.foreignpolicy.com/posts/2011/01/06/obamas_arab_spring. Acesso em: 05 de maio de 2014.

⁷² Al Jazeera. Disponível em: <http://www.aljazeera.com/indepth/opinion/2012/08/201282972539153865.html>. Acesso em: 05 de maio de 2014.

expandindo para mais países é que os meios de comunicação no Brasil passaram a ter mais interesse e, então, dedicar mais notícias ao assunto. Tanto é que a cobertura das revoluções em países posteriores tiveram maior espaço na imprensa nacional, como, por exemplo, o Egito, a Líbia e a Síria. A primeira vez que eles apareceram em jornais brasileiros já foi em janeiro de 2011, quando o movimento já tinha ganhado maiores proporções. Por esse motivo, inicialmente, pouco foi falado, contestado ou explicado sobre as causas que originaram as manifestações, como o caso de Mohamed Bouazizi.

Em um dos jornais de maior relevância e circulação no Brasil, O Estado de São Paulo, a primeira publicação sobre o assunto foi em 2 de janeiro de 2011, no *blog* “Território Eldorado”, do Estadão, com o título “*Ato de desespero provoca onda de protestos na Tunísia*”⁷³, na qual cita o acontecido com Bouazizi e faz um relato sobre as manifestações. Desde então, a plataforma *online* do Estadão passou a acompanhar os acontecimentos no país e publicar notícias alimentadas por agências de notícias como *Agência do Estado*, *Reuters*, *Assosiated Press* e *BBC Brasil*, por exemplo. A primeira vez que um correspondente internacional do jornal fez matéria sobre o assunto foi em 24 de janeiro de 2011, porém, não de Túnis ou qualquer outra cidade da Tunísia, mas de Paris, Andrei Netto em “*Cresce pressão na Tunísia por saída de premiê*”⁷⁴. Como os olhos da mídia já estavam voltados para a região, a cobertura dos protestos no Egito se deu desde o primeiro dia, em 25 de janeiro, quando foi publicada a matéria intitulada “*No Egito, manifestantes protestam contra Mubarak*”⁷⁵, ainda durante os protestos, que foram atualizados em novas matérias conforme chegavam novas informações sobre feridos e presos, por exemplo. Na matéria é feita a ligação com a crise na Tunísia, como incentivadora do que estava começando a acontecer também no Egito. Já a expressão “Primavera Árabe” aparece pela primeira vez em 26 de janeiro de 2011, em “*Alertei o governo sobre os protestos, agora ele tem o que merece*”⁷⁶, título que usa uma frase dita pelo ex-diretor da Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA), Mohamed ElBaradei. Ele ainda acrescenta “Talvez estejamos vendo os

⁷³ O Estado de São Paulo. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/internacional,ato-de-desespero-provoca-onda-de-protestos-na-tunisia,661174,0.htm>. Acesso em: 08 de maio de 2014.

⁷⁴ O Estado de São Paulo. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,cresce-pressao-na-tunisia-por-saida-de-premie,670295,0.htm>. Acesso em: 08 de maio de 2014.

⁷⁵ Território Eldorado. Disponível em: <http://www.territorioeldorado.limao.com.br/noticias/not98375.shtm>. Acesso em: 08 de maio de 2014.

⁷⁶ O Estado de São Paulo. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,alertei-o-governo-sobre-os-protestos-agora-ele-tem-o-que-merece,671226,0.htm>. Acesso em: 08 de maio de 2014.

primeiros sinais de uma Primavera Árabe”.

Os demais jornais de maior circulação no país, como a Folha de São Paulo e O Globo seguem uma linha similar à do Estadão em termos de formas de cobertura. No início, as notícias chegavam por meio de agências e, só quando a repercussão se tornou maior e mais relevante é que foram enviados correspondentes internacionais dos devidos jornais para cobrir *in loco* o caminho da revolução no mundo árabe. Para Fernando Brancoli (2014), não há problema em utilizar as agências de notícias como base e o caminho adotado durante a cobertura dos protestos foi natural:

Acredito que o grande efeito aglutinador ocorreu com a Al Jazeera. A cobertura de internacional no Brasil é bastante problemática - seja pela falta de interesse ou pelos baixos orçamentos relativos. Sendo assim, nada mais natural que tenha se empregado agências para a cobertura inicial. Conforme o tema foi ganhando importância, então se mobilizou um correspondente. O problema, ao meu ver, é esse fetiche automático pelo trabalho de campo. Eu concordo que ver *in loco* é uma necessidade básica do jornalismo - o problema é que muitos jornalistas partem do pressuposto que apenas pelo fato de estarem lá já podem produzir bom material. Assim, o que vemos muitas vezes é uma análise enviesada, carregada de poder simbólico por estar com a cidade em questão ao fundo.⁷⁷ (BRANCOLI, 2014)

Na Folha de São Paulo, a primeira notícia sobre os acontecimentos na Tunísia foi no dia 9 de janeiro de 2011, sob o título de “*Conflitos na Tunísia deixam pelo menos 20 mortos e vários feridos*”⁷⁸, já na versão impressa do jornal a primeira publicação foi em 14 de janeiro, intitulada “*Após onda de violência, ditador da Tunísia desiste de reeleição*”⁷⁹ para, no dia seguinte, aparecer novamente noticiando a queda do ditador tunisiano. O Egito, novamente, já estava na mira da mídia devido ao alerta inicial que a Tunísia propagou, sendo assim, a crise no país vizinho virou notícia na imprensa brasileira logo enquanto acontecia, em 25 de janeiro de 2011, na reportagem “*Inspirados pela Tunísia, egípcios organizam megaprotesto contra o governo*”⁸⁰, no site, e no impresso, no dia seguinte (26), com duas reportagens: “*Egito se revolta conta*

⁷⁷ Em entrevista concedida à autora desta monografia em 06 de maio de 2014.

⁷⁸ Folha de São Paulo. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/857112-conflitos-na-tunisia-deixam-pelo-menos-20-mortos-e-varios-feridos.shtml>. Acesso em: 08 de maio de 2014.

⁷⁹ Idem. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft1401201102.htm>.

⁸⁰ Folha de São Paulo. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/bbc/865532-inspirados-pela-tunisia-egipcios-organizam-megaprotesto-contragoverno.shtml>. Acesso em: 08 de maio de 2014.

ditador Mubarak”⁸¹ e “Protestos egípcios tiveram um novo tipo de organização”⁸² e a expressão “Primavera Árabe” surgiu no editorial em 2 de fevereiro de 2011, em “Análise: Revolta no mundo árabe é início de processo longo e incerto”⁸³, na versão *online* e, no dia 28 do mesmo mês, na versão impressa, em “Saindo da postura defensiva”⁸⁴.

Como os protestos na Tunísia tiveram um atraso para aparecerem na mídia, depois da queda de Ben Ali - fato que marcou o início de um maior interesse da imprensa brasileira pela situação árabe - foram feitas diversas reportagens explicando a situação pela qual o país passava, suas crises política, econômica e social, para que o público assimilasse o motivo da insatisfação da população, que acabou gerando as ações revolucionárias. Diversas são as reportagens encontradas tanto em jornais impressos, *online*, rádios e televisão, com um viés documentarista, mostrando a história recente do país, no intuito de aproximar o público da notícia, já que não vinham acompanhando a situação anteriormente. No caso do Egito, a situação foi diferente, pois, desde as primeiras movimentações, a imprensa esteve a postos noticiando o que acontecia e, dessa forma, o público já estava por dentro do assunto quando houve a queda de Mubarak e do governo egípcio.

O sucesso das revoluções no mundo árabe acabou inspirando uma onda democrática em diversas partes do mundo, direta ou indiretamente. Em junho de 2013, houve a revolução dominada por jovens no Brasil e muitos a relacionam com a Primavera Árabe, pois, apesar das claras diferenças entre os governos árabes e brasileiro, as manifestações têm alguns pontos em comum. Além da maioria dos ativistas serem jovens, as redes sociais também desempenharam um importante papel na divulgação dos protestos e atraiu muitas pessoas para as ruas. Porém, seria o caso de dizer que o Brasil teve também sua Primavera revolucionária?

De acordo com Thiago Rodrigues e Fernando Brancoli, em artigo publicado na *The London School of Economics and Political Science*, não, não se pode dizer que existe a Primavera

⁸¹ Idem. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft2601201101.htm>. Acesso em: 08 de maio de 2014.

⁸² Idem. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft2601201102.htm>. Acesso em: 08 de maio de 2014.

⁸³ Idem. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/bbc/2011/02/869651-analise-revolta-no-mundo-arabe-e-inicio-de-processo-longo-e-incerto.shtml>. Acesso em: 08 de maio de 2014.

⁸⁴ Idem. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/newyorktimes/ny2802201105.htm>. Acesso em: 08 de maio de 2014.

Brasileira semelhante à árabe. Porém, ambos reconhecem as semelhanças:

Fotos e vídeos de ambos são altamente comparáveis - em particular os dos jovens ocupando espaços públicos e exigindo mudanças políticas. O uso da mídia social também foi uma ferramenta importante para organizar os protestos e como um fórum de discussão, e a Internet tem servido como um canal de apoio internacional simbólico e meio de recebimento de mensagens de expatriados ou simpatizantes.⁸⁵(BRANCOLI E RODRIGUES, 2013)

Os motivos para comparação, por sua vez, param por aí. Isso acontece porque, por exemplo, ao contrário do que acontecia no norte da África e no Oriente Médio, o Brasil teve um crescimento considerável nas últimas décadas e o governo criou diversos programas em benefício das classes sociais mais desfavorecidas. Além disso, protestos nos países árabes foram motivados por um governo autoritário que não permitia liberdade de expressão e controlava de forma rígida a imprensa e a economia de seus países, enquanto o Brasil é um país de regime democrático. No entanto, apesar da compreensão de realidades completamente distintas, há de se convir que existe um certo simbolismo trazido com as revoltas iniciadas na Tunísia. Assim como o sucesso da primeira revolução da Primavera Árabe impulsionou países vizinhos a irem à luta em busca de melhorias nas condições de vida, o mesmo acontece em outras partes do mundo, e também atinge o Brasil. Afinal, ao ver um movimento surgido na Internet e liderado em grande maioria por jovens estudantes ou recém-formados desempregados, jovens de outras partes do mundo criam uma esperança de que eles podem fazer a diferença e de que tudo pode ser mais simples do que pensavam, podendo começar a pensar a revolução através de uma publicação no *Facebook*. Nessas horas, jovens de todo o mundo acreditam e seguem o clichê, porém verdadeiro, “a união faz a força”.

⁸⁵ LSE. Disponível em: <http://blogs.lse.ac.uk/ideas/2013/07/a-brazilian-spring-no-not-really/>. Acesso em: 10 de maio de 2014. Tradução do inglês feita pela autora desta monografia.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sociedades em crise, seja econômica, política, social ou geral, são barris de pólvora prestes a explodir, apenas necessitando de fatores que propiciem sua organização e sucesso. E foi isso o que aconteceu no Oriente Médio e Norte da África, começando em dezembro de 2010. A Tunísia já vinha há décadas em crise e com a população insatisfeita com o governo, mas não tinha as condições que permitem a realização de manifestações que ganhassem tamanha proporção, e o mesmo se pode dizer do Egito e todos os países que seguiram a onda de ações revolucionárias. Foi ao juntar um grande número de jovens insatisfeitos e plataformas de comunicação e disseminação de informações de forma imediata e sem a presença de um líder único que as manifestações realmente começaram a acontecer.

Muito se questiona sobre o papel desempenhado pelas redes sociais, e acredito haver ainda um certo tipo de preconceito com a Internet, como se algo que viesse dela ou que ganhasse força através dela fosse menor, menos importante ou de menor seriedade, como se para algo ser legítimo fosse necessário surgir fora do meio virtual. Porém, dados pesquisados e mostrados nesta monografia comprovam a importância que plataformas *online* como o *Facebook* e o *Twitter* tiveram na propagação do pensamento revolucionário em busca de democracia e melhores condições de vida. Apesar disso, não se pode afirmar que foi tudo “culpa” da Internet. Não, não foi. Ela foi apenas o palco ou roda de jovens insatisfeitos com o governo, no qual pudessem debater ideias e buscar soluções, adquirindo o caráter de “embrião democrático”, o que já foi um papel de alta relevância para as revoluções, principalmente no início, onde, devido à intensa e rígida censura por parte dos governos, era o único lugar no qual os ativistas conseguiam saber informações sobre os protestos. Apesar de a Internet ter angariado um enorme número de manifestantes, principalmente jovens, é natural que não tenha sido o meio que levou ao mundo o conhecimento sobre os acontecimentos no mundo árabe, papel esse que foi desempenhado pela *Al Jazeera*.

Durante a monografia, procuramos entender as causas que levaram a Tunísia e o Egito às revoluções populares, bem como perceber em que momento as revoltas se tornaram interessantes para a mídia e chamaram a atenção da imprensa ocidental. No Brasil, por exemplo, pouco ouvimos falar sobre o Oriente Médio e o Norte da África nos grandes noticiários dos meios de comunicação em massa. As seções internacionais dos jornais brasileiros geralmente estão

cobertas com assuntos dos Estados Unidos e países da Europa ou América Latina. Os países árabes dificilmente aparecem por ali, a não ser quando o assunto é terrorismo ou petróleo, mas as recentes revoluções quebraram esse paradigma e colocaram a Tunísia e, principalmente, o Egito e seus sucessores nos jornais mais importantes em termos de alcance e circulação nacional. Nesta monografia, analisamos e tentamos entender por que isso aconteceu, como foi que a Revolução de Jasmin e suas sucessoras nos países vizinhos foram capazes de captar maior atenção da mídia internacional, não só do Brasil, mas de todo o mundo.

O público, de forma geral, se interessa mais por assuntos que tenham algum tipo de relação com ele, ou assuntos sobre os quais já tenham algum tipo de conhecimento, como alguém que tem mais interesse em saber o que acontece no próximo capítulo do livro que está lendo. As revoltas no mundo árabe obtiveram êxito em ambos os quesitos, pois, ao ter tido a Internet, tão presente na vida das pessoas, como plataforma que propiciou o início de sua organização, acaba chamando maior atenção dos leitores ou telespectadores e o fato de ser liderada por jovens é outro fator que desperta o interesse. Ainda, o surgimento da expressão “Primavera Árabe” permitiu que o público, ao ouvir, se conecta imediatamente ao assunto e ficasse interessado para saber qual o capítulo seguinte daquela história que ele já conhece. Ficou muito mais viável noticiar que mais países aderiram à Primavera Árabe do que seria anunciar novas revoluções, maiores ou menores, em diversos países da região.

A onda revolucionária democrática iniciada na Tunísia e espalhada pelo mundo árabe, contagiou diversas partes do mundo com o sentimento de que podemos, sim, fazer algo de grande importância e proporção para a mudança da sociedade em que vivemos. Especialmente jovens e ter usado redes sociais como plataformas de divulgação e organização, chamaram ainda mais atenção. O sentimento ocasionado pelo sucesso da revolução tunisiana ganhou adeptos em diversas partes do mundo, e veio parar até mesmo no Brasil. As manifestações brasileiras, iniciadas em junho de 2013, apesar de não poderem ser diretamente relacionadas aos movimentos árabes, de certo foram positivamente contaminadas com o espírito revolucionário necessário para correr atrás de mudanças e lutar por melhorias na sociedade.

Dessa forma, podemos concluir que a importância do movimento, que teve seu primeiro passo com a autoimolação de um jovem em uma pequena cidade tunisiana, expandiu-se para fora do mundo árabe e contagiou diversas sociedades, mostrando as mudanças que um povo unido é capaz de fazer.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINHO, Ana Sofia Gil. *O apelo à Revolução num clique*. Trabalho elaborado no âmbito do seminário “Direito da Comunicação” (Faculdade de Direito Universidade de Nova Lisboa). Lisboa, 2011, 27 p. Disponível em:

http://www.fd.unl.pt/docentes_docs/ma/MEG_MA_13132.docx. Acesso em: 10 de março de 2014.

ALBUQUERQUE, Hugo. *O que disparou a Revolução do Jasmin?* São Paulo, 2011.

Disponível em: <http://outraspalavras.net/posts/o-que-disparou-a-revolucao-do-jasmim/>. Acesso em: 28 de fevereiro de 2014.

ALEXANDER, Anne e AOURAGH, Miriyam. *The Egyptian Experience: Sense and Nonsense of the Internet Revolution*. Cambridge e Oxford: International Journal of Communication 5, 2011, 15 p. Disponível em: <http://ijoc.org/index.php/ijoc/article/viewFile/1191/610>. Acesso em: 10 de abril de 2014.

ALLAGUI, Ilhem e KUEBLER, Johanne. *The Arab Spring and the Role os ICTs*. Sharjah e Florença: International Journal of Communication 5, 2011, 8 p. Disponível em:

<http://ijoc.org/index.php/ijoc/article/view/1392/616>. Acesso em: 17 de abril de 2014.

ANDERSON, Kurt. *The Protester*: TIME, 2011. Disponível em:

http://content.time.com/time/specials/packages/article/0,28804,2101745_2102132,00.html.

Acesso em: 20 de março de 2014.

ASH, Timothy Garton. *A Revolução Online na Tunísia*. Observatório da Imprensa. Ed. 626, 2011. Disponível em:

http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/a_revolucao_online_na_tunisia. Acesso em: 11 de março de 2014.

AZEVEDO, Fernando Antônio e RUBIM, Antonio Albino Canelas. *Mídia e Política no Brasil: Estudos e Perspectivas*. IV Congresso Latinoamericano de Ciências da Comunicação. Salvador e São Paulo, 1998.

BBC Brasil. *Entenda a Crise na Tunísia*. 2011. Disponível em:

http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2011/01/110114_tunisia_qa_rc.shtml. Acesso em: 14 de março de 2014.

BBC Brasil. *Histórico de Acordos de Paz no Oriente Médio*. 2010. Disponível em:

http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2010/09/100902_entenda_acordos_orientemedio_rc.sh
[tml](#). Acesso em: 17 de março de 2014.

BRANCOLI, Fernando. *Primavera Árabe – praças, ruas e revoltas*. São Paulo: Desatino: 2013, 144 p.

CARDOSO, Gustavo e LAMY, Cláudia. *Redes Sociais: Comunicação e Mudança*. Lisboa: Observare: Universidade Autônoma de Lisboa, 2011, 24 p. Disponível em:
http://observare.ual.pt/janus.net/images/stories/PDF/vol2_n1/pt/pt_vol2_n1_art6.pdf. Acesso em: 10 de abril de 2014.

CASTELLS, Manuel e CARDOSO, Gustavo. *A Sociedade em Rede: Do Conhecimento à Ação Política*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2005, 426 p.

DI FÁTIMA, Branco. *Revolução de Jasmin: A Comunicação em rede nos levantes populares na Tunísia*. In: Revista Temática, Ano IX, n. 01. Lisboa, 2013. Disponível em:
http://www.insite.pro.br/2013/Janeiro/revolucaodejasmim_rede_tunisia.pdf. Acesso em: 06 de março de 2014.

G1 MUNDO. *Conheça a História do Egito*. São Paulo: 2011. Disponível em:
<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2011/01/conheca-historia-do-egito.html>. Acesso em: 17 de março de 2014.

GOLDSTONE, Jack A. *Revolution and Rebellion in the Early Modern World*. Berkeley e Los Angeles, California, e Londres, Inglaterra: University of California Press, 1991, págs. 1 a 62.

JUNG, Cristina. *A Importância das Redes Sociais na contextualização da democracia*. Disponível em: <http://cristijung.blogspot.com.br/2011/03/importancia-das-redes-sociais-na.html>. Acesso em: 13 abril de 2014.

MAZRUI, Ali A. e WONDJI, Christophe. *História Geral da África, VIII: África desde 1935*. Brasília: UNESCO, 2010, 1272 p.

NASCIMENTO, Jonatas Wesley Aranha e MELO, Murilo Oliveira e BEZERRA, Alexandre do Nascimento. *A “Primavera Árabe” e o uso político da técnica: dos sites de relacionamento para as ruas no caso egípcio*. Natal: In: Revista Geopolítica v. 3, nº 2, p. 153 - 162, 2012. Disponível em: [http://www.revistageopolitica.com.br/ojs/ojs-](http://www.revistageopolitica.com.br/ojs/ojs-2.2.3/index.php/rg/article/download/80/63)

[2.2.3/index.php/rg/article/download/80/63](#). Acesso em: 23 de fevereiro de 2014.

O GLOBO e EL PAÍS. *A Cronologia da Revolução Egípcia*. 2013. Disponível em:
<http://oglobo.globo.com/mundo/a-cronologia-da-revolucao-egipcia-7396811>. Acesso em: 17 de

março de 2014.

SANTOS, Fernando Jacinto Anhê. *O ciberativismo como ferramenta de grandes mobilizações humanas*. In: Revista Anagrama: Ano 5, Edição 1, Set-Nov de 2011. São Paulo, 2011.

Disponível em: http://www.usp.br/anagrama/AnheSantos_ciberativismo.pdf. Acesso em: 25 de fevereiro de 2014.

THE HISTORY CHANNEL. *República Tunisiana: Tunísia: A Arquitetura da História*. The History Channel Latin America, LLC. Disponível em:

http://www.seuhistory.com/travel/travel_tunisia.html. Acesso em: 14 de fevereiro de 2014.

VISENTINI, Paulo Fagundes. *A Primavera Árabe Entre a Democracia e a Geopolítica do Petróleo*. Porto Alegre: Leitura XXI, 2012, 184 p.